



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

LUIS FRANCISCO DE SOUSA JÚNIOR

CÍGANOS CALON DA CIDADE DE SOUSA - PB: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

CAJAZEIRAS - PB

2023

LUIS FRANCISCO DE SOUSA JÚNIOR

CÍGANOS CALON DA CIDADE DE SOUSA - PB: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* de Cajazeiras como requisito de avaliação para conclusão do curso Licenciatura em História. Sob a orientação da Professora Dra. Rosilene Alves de Melo.

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

S725c	Sousa Júnior, Luis Francisco de. Ciganos Calon da cidade de Sousa-PB: identidade e resistência / Luis Francisco de Sousa Júnior. - Cajazeiras, 2023. 83f. : il. Color Bibliografia. Orientadora: Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo. Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2023. 1. Comunidade cigana- Sousa-Município-Paraíba. 2. Anticiganismo. 3. Etnia Calon. 4. Estratégias. 5. Identidade. 6. Resistência. 7. Ciganos I. Melo, Rosilene Alves de. II. Título. UFCG/CFP/BS 8111.111 CDU – 316.35(813.3)
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

LUIS FRANCISCO DE SOUSA JÚNIOR

**CÍGANOS CALON DA CIDADE DE SOUSA - PB: IDENTIDADE E
RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado a Unidade Acadêmica de Ciências
Sociais do Centro de Formação de Professores
(CFP) da Universidade Federal de Campina
Grande (UFCG), *campus* de Cajazeiras como
requisito de avaliação para conclusão do curso
Licenciatura em História.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Rosilene Alves de Melo (Orientadora) (UFCG-CFP) - Titular

Dra. Rosemere Olímpio de Santana (UFCG- CFP) - Titular

Ms. Tereza Cândida Alves Diniz (URCA) - Titular

Dr. Francisco Firmino Sales Neto (UFCG - CFP) – Suplente

CAJAZEIRAS – PB

2023

A minha família: pai, mãe, filho, sobrinhos,
esposa, irmãos. Amo todos vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por estar comigo em todos os momentos. Confesso que a caminhada não foi fácil, recordo-me de cada dificuldade, mas o meu Senhor nunca me deixou sozinho! A Deus toda a honra e toda a glória!

A Jesus, pela força, amor e proteção.

A virgem Maria, por interceder por mim.

Ao meu filho Benjamim Simão. Você é a minha maior benção! Amo você filho!

Aos meus pais Luiz Francisco e Francisca Joana Pessoa (Deta). Obrigado por tudo! Amo vocês!

A minha esposa Maria Thais, pela compreensão e pelo amor. Te amo!

Aos meus sobrinhos Ikaro Luiz e Isaac Hugo, pela alegria que ambos proporcionam em minha vida! Amo Vocês!

Aos meus irmãos Luiz Filho (*In Memoriam*) e Francisco Luiz (Lulinha). Amo vocês!

Aos meus avós maternos José Simão e Joaquina (*In Memoriam*) e paternos Laura Macena e Francisco de Sousa (*In Memoriam*).

Aos meus tios, tias, primos e primas das famílias Simão e Sousa.

Aos meus familiares e amigos: Abdias Virgulino (*In Memoriam*), Alessio Figueiredo, Ana Paula, Antônio Filho, Antônio Pedro, Damião Gomes, Cleomar de Sousa, Francisca Maia (*In Memoriam*), Francisca Vanúbia, Francisco de Assis, Francisco Petrônio, Isaias Carlos, Karla Raquel (*In Memoriam*), Manoel Messias, Maria Gorete, Maria do Rosário, Maria do Socorro, Natalia Ribeiro, Raimundo Augusto (*In Memoriam*), Remédios Felix, Robson Siqueira, tia Dedé (*In Memoriam*), tia Maria das Dores (*In Memoriam*), tia Maricó (*In Memoriam*), Thiago Cordeiro e Vinicius Zidane.

A todos os professores do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande - Cajazeiras - PB. Agradeço a minha orientadora Prof^{ra}. Dra. Rosilene Alves de Melo. Obrigado por tudo, minha amiga!

A toda a comunidade cigana da etnia Calon residente na cidade de Sousa - PB.

A banca examinadora e a todos que contribuíram de forma direta ou indireta com a minha pesquisa, deixo aqui a minha gratidão.

Porque eu, sou Javé, o seu Deus, que o sustento pela mão direita e lhe digo: “Não tenha medo; eu mesmo o ajudarei” (Isaias, 41:13).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar a vida nômade dos ciganos da etnia Calon sedentários em Sousa-PB, para compreender por que fixaram residência em seu território e não em outros lugares que fizeram parte da sua trajetória. A etnia presente no bairro Jardim Sorrilândia III, é considerada o maior grupo sedentário do Brasil, com aproximadamente 2500 pessoas. Estes ciganos estão distribuídos em uma localidade denominada de comunidade cigana ou Rancho dos ciganos. Constatamos que os Calon precisaram passar por um processo de relações e articulações iniciado desde a década de 1940, com as autoridades locais, assim como, foi verificado a ocorrência de outras questões como o anticiganismo, agravantes sociais, envelhecimento do grupo, avanço tecnológico no sertão, escassez nas atividades rentáveis específicas, interação entre ciganos e não ciganos, além de outros fatores, para que o sedentarismo de fato ocorresse a partir de 1982. Além de trabalharmos com a historiografia sobre a temática geral dos povos ciganos, foi necessário o uso da bibliografia existente sobre a etnia Calon de Sousa, por apresentar estudos históricos e antropológicos recentes, e indispensável a História Oral, visto que a mesma contribuiu através das narrativas dos ciganos Calon que vivenciaram ou ouviram sobre a vida nômade da sua comunidade, e mostra a busca da identidade e resistência destes em um cenário de estratégias.

Palavras-chave: Povos Ciganos. Anticiganismo. Etnia Calon. Estratégias. Identidade. Resistência.

ABSTRACT

The present work aims to study the nomadic life of sedentary Calon gypsies in Sousa-PB, to understand why they settled in their territory and not in other places that were part of their trajectory. The ethnic group present in the Jardim Sorrilândia III neighborhood is considered the largest sedentary group in Brazil, with approximately 2500 people. These gypsies are distributed in a locality called gypsy community or Rancho dos gypsies. We found that the Calon had to go through a process of relationships and articulations that began in the 1940s with the local authorities, as well as the occurrence of other issues such as anti-gypsyism, social aggravations, aging of the group, technological advances in the hinterland, scarcity in specific profitable activities, interaction between gypsies and non-gypsies, in addition to other factors, for sedentary lifestyle to actually occur from 1982 onwards. Existing bibliography on the Calon de Sousa ethnic group, as it presents recent historical and anthropological studies, and Oral History is indispensable, since it contributed through the narratives of the Calon gypsies who experienced or heard about the nomadic life of their community, and shows the search of their identity and resistance in a scenario of strategies.

Keywords: Gypsy Peoples. Anti-Gyganism. Calon ethnicity. Strategies. Identity. Resistance.

LISTA DE MAPAS

MAPA 01: Região de Punjab, na Índia	23
MAPA 02: Expansão dos povos ciganos a partir da Índia do século X da era cristã	24
MAPA 03: Localização do município de Sousa, no Estado da Paraíba	48
MAPA 04: Sede do município de Sousa - PB	49
MAPA 05: Áreas destacadas da comunidade cigana em Sousa - PB	50

LISTA DE ABREVIATURAS

A.C.E.	Agente de Combate as Endemias
CE	Ceará
CEHAP	Companhia Estadual de Habitação Popular
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PSD	Partido Social Democrático
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
RN	Rio Grande do Norte
UDN	União Democrática Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	17
1.1 A Origem dos povos Ciganos.....	17
1.2 Expulsão dos ciganos da Península Ibérica (Espanha e Portugal)	26
CAPÍTULO 2	34
CAPÍTULO 3	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXOS	68
ENTREVISTA REALIZADA	71

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como finalidade geral estudar a vida nômade dos ciganos da etnia Calon, sedentários em Sousa - PB, para compreender por que fixaram residência em seu território e não em outros lugares que fizeram parte da sua trajetória.

A nossa justificativa para empreitada desse assunto deve-se primeiramente ao interesse pessoal, que nasceu naturalmente, por meio do contato direto com os ciganos Calon de Sousa que fazem parte do quadro efetivo do município, e, as conversas informais durante o nosso trabalho de A.C.E. ocorrido principalmente nos Ranchos dos Ciganos. Desde modo, tivemos a oportunidade de ouvir fatos históricos, ricos em detalhes, porém, pouco comentados e preservados localmente. Desta forma, surgiu em uma conversa com a minha orientadora, a possibilidade de falarmos sobre o tema abordado. Além do mais, vimos que este assunto é importante para a abertura de outros espaços para a pesquisa acadêmica, pois o nosso estudo não visa apresentar uma visão definitiva, entretanto, um novo olhar. Sendo de suma importância a discursão e o estudo sobre este assunto temático, pois a sua contribuição social, cultural e histórica é valiosa, visto que, ocorre uma preservação dos fatos e um ganho relevante para as etnias ciganas.

Compreender como ocorreu o processo até a fixação a partir do ano de 1982, foi um desafio, pois não optamos por ficar reféns dos estudos historiográficos já existentes, que possuem as suas respectivas respostas, então, observamos a possibilidade de ir até a comunidade cigana, em busca de contribuições para complementar a nossa finalidade no estudo.

De início, para compreender este contexto, foi necessário entender como ocorreu a origem dos povos ciganos no território indiano e a sua migração forçada para outras partes do mundo, a partir dos séculos IX e X da era cristã. Para isso, tivemos que recorrer primeiramente as fontes historiográficas sobre esta temática, e não ficamos reservados apenas a origem constatada dos ciganos, pois, foi importante explorar outros contextos com citações inverídicas construídas a séculos a respeito das supostas origens dos povos ciganos, porque estas falácias sem fundamentos, foram e são usadas para representar a identidade destas etnias na maioria das vezes de forma homogênea.

Logo no primeiro capítulo, mostramos que os povos ciganos formam uma comunidade

étnica heterógena para reforçar que não são apenas um povo e sim várias etnias, que migraram para o ocidente, há mais de mil anos. Desse modo, abordamos que eles são divididos em diversos grupos e subgrupos, e que possuem características culturais e identitárias próprias. Porém, diante deste assunto, frisamos que as suas identidades são influenciadas também pelos contextos históricos e culturas resultantes das formações políticas, sociais e econômicas dos países que possuem alguma relação. Assim, inúmeros impactos das sociedades dominantes, contribuíram para também, moldar a estrutura identitária desses povos, de forma distinta e irregular.

Podemos classificar essas etnias em pelo menos quatro grupos principais: Roma, é um grupo originário da Europa Oriental, a sua presença é possível em quase toda a Europa e em outras partes do mundo. Esta etnia é a mais numerosa e possui diversos subgrupos, como Rudari, Ursari, Matchuaia, Lovari e Kalderash. Cada um possui características próprias.

Sinti, pode ser encontrado principalmente na Alemanha, França, Áustria, Bélgica e Holanda, mas, existem pequenas concentrações deles em outros países como na Hungria, Rússia, República Tcheca, Eslováquia e ex-Iugoslavia.

A etnia Romanichal vive principalmente no mundo anglo-saxão e por vezes remete suas origens a Hungria. Estes, falam o anglo-romani e podem ser localizados na América do Norte, Crimeia, Oceania, Grã-Bretanha, além das localidades Escandinávia e País Basco. E a etnia Calon, que é proveniente dos países ibéricos (Espanha e Portugal). Este grupo migrou em grande quantidade para a América, mas é possível perceber a sua concentração na França, Alemanha e Grã-Bretanha. A etnia Calon fala geralmente o idioma espanhol, português e chib (derivado do romani). Os Calon foram os primeiros ciganos a chegarem ao Brasil, como deportados de Portugal, a partir do século XVI, por meio do anticiganismo que acompanhou a história e a vida destes povos, e acarretou o nomadismo forçado por séculos, obrigando os ciganos a buscarem meios para resistir ao processo que era acompanhado por uma identidade que representava a si e aos outros grupos minoritários.

A origem desses povos, foi ligada por muito tempo a lendas e fantasias, criadas pelo imaginário popular e por informações sem nexos. Assim, a errônea imagem foi produzida em volta destas etnias, principalmente quando estamos falando sobre as suas origens, características específicas e representações coletivas. Nesta parte do trabalho, queremos expor que, os ciganos foram narrados dentro de um discurso generalizado, vindo de uma sociedade considerada hierárquica e não cigana, todavia, que possuía ideias preconcebidas e falhas, por não terem conhecimento concretos sobre eles. Neste ponto, pretende-se ressaltar que cada sociedade definiu e caracterizou os povos ciganos, ao mesmo tempo que determinou normas

para delimitar suas participações no cenário social, preferindo-os como desafetos.

Nessa perspectiva, a socióloga Maria Patrícia Lopes Goldfarb (2008), compreende que as representações coletivas se relacionam às formas de pensar e agir em sociedade, pois o pensamento e a ação caminham juntos. Com isso, a autora mostra que a sociedade é estruturada por representações, e a sua estrutura é organizada e classifica de acordo com o mundo a sua volta.

A partir do exposto, queremos apresentar que os elementos construtivos das etnias ciganas, foram criados, forjados e articulados pela sociedade dominante, baseados apenas em noções históricas e culturais, para diferencia-los socialmente e conseqüentemente torna-los minorias.

O fato de serem culturalmente agrafos, ou seja, de não terem a presença de arquivos escritos para preservar a sua memória, e possuírem somente a oralidade para transmitir e conservar fatos específicos, dificultou os estudos desses povos por um longo período, e, abriu espaço para o risco de uma História Única e incompleta, tão lembrado pela autora Adichie (2009), e o surgimento de termos pejorativos e fundamentações vazias, pautadas em lendas, mitos e poesias.

Com o auxílio de mapas, abordaremos como ocorreu a expansão dos povos ciganos a partir da sua gênese na Índia, rumo a outros territórios. Destacamos, que este processo migratório foi lento, contudo, expansivo, e aconteceu através de várias ondas, neste caso, muitos ciganos tomaram rumos diversos. Alguns cruzaram o Oriente Médio e entraram na Europa, por volta do século XV, e outros migraram para os territórios africanos, asiáticos e americanos.

Sobre isto, fazemos uma breve discursão teórica entre os pesquisadores Moonen (2013), que aborda entre outros fatos, as perseguições contra os ciganos na Espanha a partir séculos XV, e Natally Menini (2014), que explora as práticas de degredo imposta pelos outros países Europeus, a exemplo de Portugal, que relacionou as suas colônias, com as necessidades utilitaristas de transformar aquilo que até então seria visto como um ônus social, no caso dos ciganos e de outros grupos vulneráveis da época, em capital humano a ser disponibilizado a serviço do reino. No caso do Brasil, enquanto colônia portuguesa, os ciganos teriam como função ajudar a ocupar as extensas áreas desabitadas dos sertões nordestinos.

Sobre este assunto, Elisa da Costa (2005), nos revela que povoar as áreas dominadas pela Coroa lusitana, era um fator importante, que precisava seguir algumas exigências impostas pelos dominantes, para que os aptos pudessem render o máximo possível. Era necessário haver nestas imposições, “gentes afoitas, aventureiras e audazes”, dispostas a arriscar desde o início a própria vida, em proposito das intenções do reino.

No Segundo capítulo deste trabalho, citamos novamente Frans Moonen (2013), por ter realizado inúmeros fatos importantes sobre a questão do anticiganismo. Segundo o autor, o anticiganismo pode ser definido como “doutrinas ou atitudes hostis aos ciganos e que contra eles propõem medidas discriminatórias”. Ou então: “atitudes, atos ou políticas contrárias aos interesses e direitos ciganos”.

Baseado nesta citação, e em outros estudos, trabalhamos o tema anticiganismo como um dos assuntos específicos, fazendo-se necessário, mesmo que de forma breve, conhecer o seu início. Mostrando assim, que antes de ser praticado contra as etnias ciganas, o anticiganismo foi construído através de diversas contribuições negativas, para depois ser cristalizado na sociedade até os dias atuais.

Foi a partir da desconstrução da imagem cigana, da incompatibilidade com os valores culturais e sociais dos europeus da época da migração, das ameaças de concorrência política e econômica, do reforço dos estereótipos negativos por parte dos ciganólogos europeus e de outros fatores, que o anticiganismo avançou para atos violentos.

Os atos supostamente cometidos pelos ciganos durante o nascimento ou a crucificação de Jesus Cristo, foram um dos motivos para condena-los e odiá-los, assim como, as atividades concorrentes com os profissionais urbanos, a exemplo dos ferreiros, caldeireiros e artesões de um modo geral, ou seja, mostraremos no segundo capítulo, que estes e outros aspectos formados historicamente na ideologia dominante, foram iniciados através do contato entre os povos diferentes na Europa do século XV, e isto, gerou estereótipos e preconceitos contra os ciganos.

No terceiro capítulo, objetivamos falar sobre os motivos que contribuíram para o avanço do sedentarismo, dos ciganos em Sousa - PB, buscando entender como a identidade e a resistência da etnia Calon, foram alguns dos fatores que colaboraram para a fixação destes povos em solo sousense.

Era comum, que ocorresse em Sousa, dentro de um período de curta duração, desde a década de 40 do século XX, arranchamentos realizados pelos ciganos Calon, vindos dos estados limitados (RN, CE e PE) e de outras regiões da Paraíba. Poucas décadas antes da fixação definitiva, os chefes ciganos migravam para Sousa, pois a tinham como ‘ponto base’. Juntamente com os demais ciganos do grupo, faziam morada no seu entorno, e deste modo, a cidade era um ponto de referência das suas rotas, enquanto nômades. Porém, suas relações com os não ciganos, eram a contragosto da população sousense e regional, ou seja, prevalecia o discurso do anticiganismo e do isolamento social dos ciganos nômades.

Apresentaremos que, neste cenário de poucas aproximações entre ciganos e não ciganos, foi possível um processo de relações de reciprocidade, visto como amigável, iniciado entre os

coronéis e os chefes ciganos, como nos relatam Medeiros e Goldfarb (2004):

Nos foi evidente a relação política (coronelismo) que existia entre os ciganos e os ‘coronéis’ dessa época, que funcionava como uma das formas eficientes de obtenção de favores por ambos, e que é reconhecido pelos ciganos, onde afirmam que obtinham benefícios em troca de favores prestados aos ‘coronéis’.

Ao longo da história, coronelismo e política sempre caminharam juntas, e nesta realidade das grandes secas, da miséria e da fome, os seus respectivos papéis agiam para a conservação do poder e o fortalecimento dos “esquemas clientelistas” tão presentes no cenário da vida sertaneja dos períodos históricos (SIQUEIRA, 2012, p 110).

Como Sousa era considerada uma localidade segura e de apoio para esta etnia Calon, as relações dos chefes dos grupos ciganos continuaram a ser mantidas e evoluíram a depender de cada época. Um dos principais responsáveis pela continuidade do processo já iniciado, foi o político e prefeito (depois Deputado Federal, Senador e Governador da PB) da cidade de Sousa (na época de 1963 à 1969), Antônio Marques da Silva Mariz. Foi a partir da figura de Antônio Mariz, já durante a década de 60, que foi possível o nascimento do político solidário, que deu ‘direitos aos ciganos’ como a possibilidade de terem documentos, ajudando os a terem ‘identidade’ ‘título de eleitor’ e ‘nome registrado’. Neste sentido, necessitamos recorrer ao trabalho de Francisca Salete de Sousa (2015), por apresentar Antônio Mariz, enquanto memória social.

Salete (2015), apoia seus escritos em produções realizadas por amigos, aliados políticos, documentos localizados no Memorial Antônio Mariz na cidade de Sousa - PB, e em depoimentos orais de seus contemporâneos, para o desenvolvimento de um estudo historiográfico sobre a trajetória política de Antônio Mariz. O seu estudo, tem como objetivo compreender como foi construído esse ‘mito político’ que se perpetua até hoje na memória social dos sousenses (e aqui incluímos os ciganos Calon), assim como em toda a Paraíba. Bem como, procura-se entender o contexto político e social da cidade de Sousa - PB, onde ele iniciou sua trajetória política.

Nesta última parte do trabalho, foi necessário recorrer a história oral, e contar com o apoio importante dos ciganos Calon, que viveram ou ouviram sobre a vida nômade do seu grupo. Estes, complementaram a nossa pesquisa com outras questões que contribuíram para o sedentarismo da sua etnia em Sousa - PB. Deste modo, queremos apresentar que não é possível olhar somente pelo lado político das articulações e da solidariedade, pois outros fatores como o envelhecimento do grupo, o avanço da tecnologia, e o desinteresse dos mais novos pela vida nômade, foram alguns dos motivos para a fixação.

CAPÍTULO 1

1.1 A Origem dos povos Ciganos

Os ciganos formam uma comunidade étnica heterógena, de origem indiana, que migrou para o ocidente, há mais de mil anos. Eles são divididos em diversos grupos e subgrupos, que possuem características culturais e identitárias próprias. As suas identidades são influenciadas também pelos contextos históricos e culturas resultantes das formações políticas, sociais e econômicas dos países que possuem alguma relação. Os diversos impactos das sociedades hegemônicas contribuíram para moldar a estrutura multidimensional das identidades desses povos, de forma distinta e irregular. É possível, classificar essas etnias em quatro grupos principais: Roma, Sinti, Romanichal e Calon.

O primeiro grupo é originário da Europa Oriental. A sua presença está em quase toda a Europa e em outras partes do mundo. Este, é o mais numeroso e possui diversos subgrupos, como Rudari, Ursari, Matcluaia, Lovari e Kalderash. Cada um deles, possui características próprias.

O segundo grupo é o Sinti, que pode ser encontrado principalmente na Alemanha, França, Áustria, Bélgica e Holanda, mas, existem pequenas concentrações deles na Hungria, Rússia, República Tcheca, Eslováquia e ex-Iugoslavia.

O terceiro grupo é o Romanichal, que vive principalmente no mundo anglo-saxão e por vezes remete suas origens a Hungria. Estes, falam o anglo-romani e podem ser localizados na América do Norte, Crimeia, Oceania, Grã-Bretanha, além das localidades Escandinávia e País Basco.

Por fim, temos o grupo Calon, que é proveniente dos países ibéricos. Estes, migraram em grande quantidade para o continente americano, e estão concentrados também na França, Alemanha e Grã-Bretanha. Os Calons falam geralmente o idioma espanhol, português e chib (derivado do romani). Esta etnia, foi a primeira que chegou ao Brasil, como deportada de Portugal, a partir do século XVI, por meio do anticiganismo, que veremos a posteriori.

Há grandes diferenças entre a língua e religião destes povos. Há ciganos que falam romani e outros que não falam, como é o caso dos Calon. E sobre a religião, há muitos ciganos que são católicos, já outros, são evangélicos tradicionais, ortodoxos ou pentecostais.

A História das etnias ciganas é marcada pela exclusão, perseguição institucional (da Igreja Católica, governantes e reinos), intolerância, (sociais, religiosas, culturais), injustiça,

preconceito institucional, difamação, xenofobia, além dos inúmeros estereótipos e das ações de expulsão oriundas da sociedade dominante, que acarretou o nomadismo por séculos, e que consequentemente obrigou esses grupos a buscarem meios para resistir ao processo que era acompanhado por uma identidade que representava a si e aos outros grupos vulneráveis. É evidente que todos estes termos modernos citados aqui e tão falados atualmente, não tinham a mesma nomenclatura desde o início da história dos ciganos, e é fato que muitas não existiam na época, entretanto, as suas características específicas foram práticas comuns na história dos povos ciganos e estão até os dias atuais, visto que, o ódio, a hostilidade e a rejeição em relação aos considerados estrangeiros e grupos étnicos divergentes, configuram práticas xenofóbicas.

A origem desses povos, foi por muito tempo associada a lendas e fantasias, criadas pelo imaginário popular e por informações sem base. Assim, errônea imagem foi produzida em envolta destas etnias, principalmente quando estamos falando sobre suas gêneses, características específicas e representações coletivas.

Deste modo, os ciganos foram narrados dentro de um discurso generalizado, seguido de ideias preconcebidas, com falhas, que eram um resultado da falta de conhecimento sobre eles, e que vinha de uma sociedade considerada hierárquica e não cigana. Neste ponto, pretende-se ressaltar que cada sociedade define e caracteriza os seus indivíduos, ao mesmo tempo que determina normas para delimitar suas preferências e os seus desafetos, dentro do processo de construção social.

Nessa perspectiva, a socióloga Maria Patrícia Lopes Goldfarb (2008) diz que:

Podemos dizer que cada sociedade desenvolve certa definição do que seja o homem, simultaneamente descritiva e normativa, ao mesmo tempo em que define aquilo que é e aquilo que não gostaria de ser. Trata-se das atividades de construção do social, isto é, da produção de representações da “ordem social”, dos atores e das suas relações cotidianas (BERGER; LUCKMANN, 1985; GOFFMAN, 1988 apud Goldfarb, 2008).

Ademais, fica compreendido, a partir do exposto, que as representações coletivas relacionam-se às formas de pensar e agir em sociedade, pois pensamento e ação caminham juntos. Com isso, a sociedade é estruturada por representações, é seguindo esta estrutura organizada que ela classifica o mundo a sua volta (GOLDFARB, 2008).

Assim, é nítido que os elementos construtivos para identificar as etnias ciganas, foram criados, forjados e articulados pela sociedade dominante, por meio de noções históricas e culturais, para diferencia-los socialmente e consequentemente torna-los minoritários.

O fato de serem culturalmente agrafos, ou seja, de não terem a presença de arquivos escritos para preservar a sua memória, e terem somente a oralidade para transmitir e conservar os seus fatos específicos, dificultou os estudos desses povos por um longo período, porém, fez surgir termos pejorativos e inúmeras fundamentações vazias, pautadas em lendas, mitos e poesias, principalmente por meio da visão e das interpretações que deles são feitas.

Durante muito tempo, houveram diversos discursos, porém, limitados, para sanar as interrogações sobre a origem dos povos ciganos, versões foram criadas, e permaneceram por séculos cristalizadas na sociedade como verdadeiras. Nesse sentido, a autora Chimamanda Ngozi Adichie (2009) no seu livro *O Perigo de Uma História Única*, ressalta que contar uma única história leva a resultados perigosos como a criação de estereótipos. Todavia, a escritora argumenta que o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, no entanto, são incompletos. Além do mais, eles fazem com que uma história se torne a única história segundo a autora.

Esta incógnita sobre a origem das etnias ciganas não foi levada a sério por anos, e fez surgir inúmeros estereótipos que infelizmente permanecem até os dias atuais, porém, este problema histórico passou a ser discutido com mais seriedade e foco a partir do século XVIII, através dos estudos linguísticos, realizados por pesquisadores.

Cabe lembrar que na teoria da história escrita, era natural que somente os fatos tradicionais, os grandes feitos e acontecimentos heroicos, eram relatados até pouco tempo atrás, e que as ações do resto da humanidade eram esquecidas. Contar uma história total dos fatos cotidianos nem sempre foi uma prática comum na vida dos pesquisadores e historiadores tradicionais, porque estes, pensavam a história concentrada apenas nos grandes homens, e os fatos praticados pelos socialmente excluídos eram esquecidos, somente prevalecia aquilo que era ‘óbvio’ e ‘interessante’, ou seja, o historiador tradicional explicava os acontecimentos por meio da vontade do indivíduo histórico.

Segundo Peter Burke (1992) no seu livro *A Escrita da História: Novas Perspectivas*, ‘tudo tem uma história’ e tudo tem um passado que pode ser reconstruído e relacionado aquele passado, ou seja, a história vista de baixo, que apresenta a atividade humana, assim como a história vista de cima, cabem juntas na história total e podem ser repensadas e ligadas ao passado com uma nova perspectiva.

Vários novos temas da História merecem ser abordados, entre eles, a História dos ciganos. As várias abordagens possíveis do passado merecem capítulos especiais, ao invés de serem excluídas, e somente a história tradicional narradora dos grandes fatos prevalecer. A

história tradicional, por sinal, marginalizou muitos aspectos e atividades humanas por oferecer justamente a visão de cima e desconsiderar a história dos personagens comuns, esquecendo que estes possuem a sua parcela de contribuição.

Voltando ao assunto, podemos verificar que os estudos linguísticos dos ciganos comprovaram a sua origem a partir da região de Punjab, no noroeste da Índia, por volta do ano 1000 da era cristã. A base deste estudo foi iniciada no ano de 1753, na Holanda, por meio do dialeto romani, falado entre alguns grupos ciganos. Os estudiosos constataram na pesquisa a existência de um profundo parentesco com o sânscrito.

As evidências linguísticas surgiram por acaso, em uma universidade holandesa, quando um estudante húngaro descobriu semelhanças entre o dialeto cigano do seu país e a língua falada por três colegas indianos. Desse modo, foi constatado um evidente parentesco entre as línguas. Essa explicação científica foi divulgada anos depois por Christian Buttner em 1771, por Johann Rudiger em 1782, e por Heinrich Grellmann em 1783. Este último, a princípio, criticou as teorias linguísticas até então existentes sobre o caso, principalmente aquelas que tinham como base, a origem egípcia. Todavia, após a análise de quase quatrocentas palavras, Grellmann, constatou que de cada trinta palavras ciganas, de doze a treze eram de origem hindí, uma língua derivada do sânscrito. Apesar das falhas em seu trabalho, ele acreditou que a origem indiana tinha sido suficientemente comprovada.

Desde então, esta hipótese sobre a gênese dos ciganos é a que prevalece até os dias atuais, sendo apenas acrescentado dados comprobatórios.

Veja a seguir a Figura 1, que permite a visualização do local de surgimento dos povos ciganos.

MAPA - 1 Região de Punjab, na Índia (Origem dos povos ciganos).



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Punjab_\(%C3%8Dndia\)#/media/Ficheiro:Punjab_in_India_\(disputed_hatched\).svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Punjab_(%C3%8Dndia)#/media/Ficheiro:Punjab_in_India_(disputed_hatched).svg) (2023).

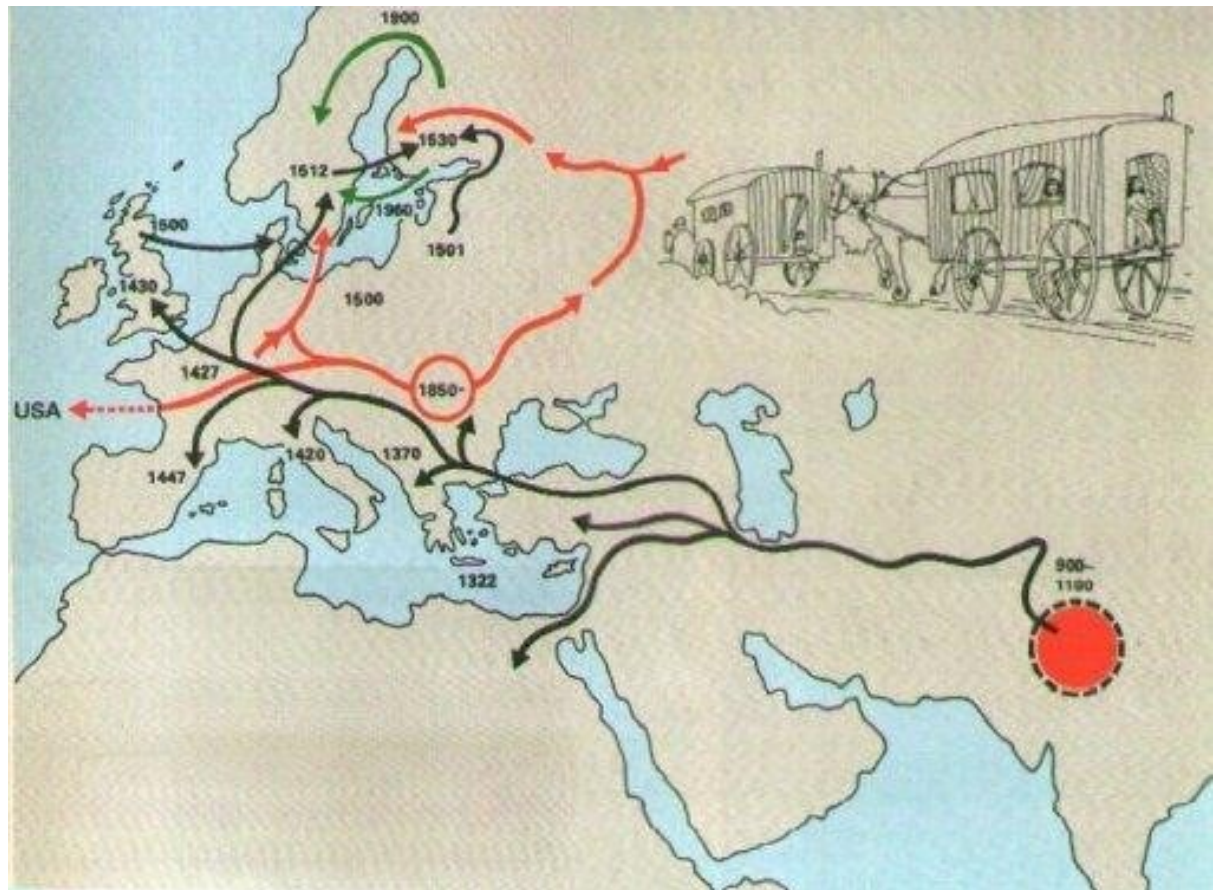
Podemos observar no mapa acima, a localização da Índia, na qual situa-se a região de Punjab, origem dos povos ciganos. Foi a partir desta região, localizada no noroeste da Índia, que os ciganos foram obrigados a migrarem para diversas partes do mundo. As ondas migratórias daqueles povos aconteceram em momentos e épocas distintos.

Segundo Danielle Romani (2013) a partir do século V da era cristã aconteceu a primeira onda migratória dos ciganos ainda no solo indiano, e, por volta dos séculos IX e X, houve a expansão deles para outras partes do mundo. Romani (2013) ainda acrescenta que aqueles grupos étnicos sofreram barbáries e humilhações após deixarem o território Índiano e atravessarem as regiões da Ásia Central, do Oriente Médio e da Grécia.

As teorias sobre esse assunto são muitas, e levam a crer que as causas da diáspora dos povos ciganos estejam ligadas a diversos motivos, inclusive as ‘perseguições em sua terra de origem.’

A seguir, vejamos a Figura 2, que apresenta a expansão dos povos ciganos a partir do território indiano (século X da era cristã) para outras partes do mundo ocidental.

MAPA 2 - Expansão dos povos ciganos a partir da sua gênese na Índia do século X da eracristã.



Fonte: <https://almaterapias.com.br/historia-e-origem-do-povo-cigano> (2023).

No mapa acima, é possível observar como ocorreu a expansão dos povos ciganos a partir da sua gênese na Índia, rumo a outros territórios. O processo migratório daqueles povos étnicos foi lento e expansivo, e aconteceu através de várias ondas migratórias. Muitos ciganos tomaram rumos diversos. Alguns cruzaram o Oriente Médio e entraram na Europa, por volta do século XV como será visto adiante, e outros migraram para os territórios africanos, asiáticos e americanos.

Um estudo genético português lançado recentemente pelo pesquisador Antônio Amorim (2012), constatou que as populações ciganas europeias têm origem no noroeste da Índia (região de Punjab). Amorim juntamente com a sua equipe, analisaram diretamente 214 genes de ciganos e concluíram que a origem destas populações se localiza no citado estado indiano.

O estudo realizado pelo autor concluiu ainda, que as migrações dos ciganos levaram a diferentes graus de mistura com as diferentes populações locais. Ou seja, Amorim (2012),

percebeu que as comunidades ciganas atuais possuem uma diversidade genética, além de incorporarem formas diversas das várias populações do continente europeu. Com isso, a recente pesquisa contribui para combater atitudes xenófobas persistentes a séculos em relação as comunidades ciganas e prova definitivamente a gênese indiana, além do mais, apresenta o percurso que marcaram as migrações das etnias pela Europa.

Como vimos anteriormente, estudos linguísticos e genéticos sugerem sobre a origem e a história dos povos ciganos, todavia, é importante citar que outros meios históricos foram atrelados a estes assuntos e precisam ser apresentados, pois continham informações descontextualizadas e predominam até os dias de hoje.

Um poema persa escrito entre 200 e 400 anos antes da era cristã, que faz referência a origem de um povo nômade, conhecido como Os filhos do vento:

Eles se movem como o sol e a lua. São nômades. Ou, antes, são como as ondas. Estão em toda parte. Chegam e partem rápido. Parecem o vento. Num momento estão aqui. No outro, sumiram. Numa lufada, deixam traços indeléveis de sua passagem no eco de sua música, no relinchar de seus cavalos, no sorriso alegre de suas mulheres. Não, não são o vento. São os filhos do vento! (BAÇAM, 1999, p.3).

Lourivaldo Baçan (1999, p.3), expõe um poema anônimo que relata sobre um povo nômade chamado de Filhos do Vento, estes eram conhecidos como o ‘povo que veio do rio’, numa alusão ao rio Sind no norte da Índia, na região de Gujarat. Este foi um dos primeiros grupos ligados a origem dos ciganos, e como é perceptível, começam a se formar os primeiros estereótipos sobre eles.

Baçan (1999), relata também, que lendas bíblicas contadas através da oralidade eram transmitidas pelos anciões das tribos, no intuito de restaurar a origem da etnia cigana. Os contos mais antigas expõem as mais diversas origens desses povos.

As lendas mais antigas, contadas boca a boca pelos anciãos das tribos, falam que o povo hoje chamado de cigano originou-se dos descendentes dos anjos caídos que se juntaram com "as filhas dos homens", [...]. Uma outra lenda, no entanto, conta que são descendentes de Hagar, a escrava de Sara, mulher de Abrão, que, após ter dado um filho ao seu senhor, foi humilhada e expulsa por Sara [...]. Uma outra lenda, conta que os atuais ciganos são descendentes diretos de Adão e Lilith, uma mulher anterior a Eva. Por esse motivo, os ciganos formam o único povo a não nascer com opecado original (BAÇAM, 1999. p. 4-5).

Como é perceptível, as falácias sobre a origem dos povos ciganos eram diversas, e os discursos tinham o intuito de parecerem corretos, todavia, as suas fundamentações eram quase sempre construídas por meio de hipóteses e teorias sem fundamento, além do mais, eram desprovidas de resultados definitivos.

Durante séculos, a origem dos ciganos foi um problema para os ciganólogos,

historiadores e antropólogos interessados em defini-la. Os antropólogos tentaram desvendar as origens dos ciganos através das pesquisas, e utilizaram recursos rigorosos, conforme a praticidade da época, para trazer evidências sobre essas etnias. As discussões sobre a questão das origens, eram realizadas com investigações a partir da comparação de cor, pigmentação da pele, índices cefálicos, grupos sanguíneos, tensão arterial, etc; e apresentavam que os ciganos descendiam dos hindus. Sendo assim, originários provavelmente, da periferia do Punjab e da vizinhança dos Radjputas, segundo expõe a pesquisadora Debora Soares Castro (2011).

Não havia base concreta nas argumentações, as transmissões ocorriam de boca a boca, de geração em geração, e os dados eram copiados e acrescentados aos contos, todavia, sem provas. Muitas dessas pessoas nunca haviam visto ou convivido com os ciganos, mas, as suas origens eram facilmente e equivocadamente conectadas a algumas crenças que traziam um discurso pejorativo e que envolvia aquelas etnias.

A origem dos ciganos já foi relacionada ao Egito, na África, pois ao migrarem para a Europa Ocidental a partir do início do Século XV, como será relatado mais a posteriori, os próprios ciganos quase sempre afirmavam que a sua terra de origem era o ‘Pequeno Egito’, denominação dada a uma região da Grécia, e isso gerou grandes confusões sobre este assunto, que confundiu os Europeus com a hipótese da origem egípcia. Por causa dessa ideia errônea, eles passaram a ser denominados ‘egípcios’ ou ‘egitanos’, ou ‘gypsy’ (inglês), ‘gitano’ (espanhol), a depender de onde estavam. Comparativos físicos, linguísticos e alguns elementos das crenças religiosas, também foram utilizados para afirmar que os ciganos eram parentes dos hindus. Todavia, não foi consenso a região da qual eles teriam descendido.

Como dito antes, as evidências linguísticas ligadas as origens dos ciganos prevalecem até hoje, porém, é oportuno relatar que diversos foram os mecanismos utilizados para remontar o ponto de partida dessas etnias. Os povos ciganos eram classificados por diversos meios, e incluídos em lendas, passagens bíblicas e outros argumentos místicos, e as suas caracterizações eram pensadas e julgadas de forma generalizada no tocante a sua cultura, origem, vida cotidiana ou qualquer outra área.

Ainda sobre este respeito, na literatura, existem outras denominações que lembram a suposta origem dos povos ciganos.

A primeira obra de grande referência sobre a história das etnias ciganas é do final do século XIX. Trata-se da obra escrita por Francisco Adolpho Coelho, que foi publicada em 1892, denominada Os Ciganos de Portugal. Nela, o autor aponta que os ciganos da Espanha e de Portugal são originários da Grécia, e que por este motivo, são chamados de Gregos nos documentários relativos à Catalunha. Já a primeira obra literária em que figuram os ciganos,

cujo nome é Farsa das Ciganas, escrita no ano de 1521, pelo autor Gil Vicente, aponta que os ciganos eram originários do Egito, pelo fato deles serem chamados de '*gitano*' na Espanha.

Outros, tentaram provar a origem indiana através de comparações biológicas, ou raciais. Desde a chegada dos povos ciganos na Europa, haviam notícias com poucos fundamentos sobre as características físicas deles, e muitos desses atributos foram notadas por cientistas, que apresentavam supostas semelhanças com os indianos, todavia, nada disso obteve sucesso e não foi suficiente para provar a origem indiana. Inclusive, o fato de outros povos terem as mesmas características físicas ou serem predominantes dos mesmos grupos sanguíneos deixou as informações rasas. Frans Moonen (2013), nos apresenta que além disso, tinha o problema da mistura racial e da miscigenação, que certamente tenha ocorrido desde a saída deles da Índia há vários séculos.

Na realidade, todas as teorias baseadas em inúmeras fantasias, mitos e lendas sobre a origem e a história dos ciganos não passam de mera especulação e não têm nenhuma comprovação empírica. Entretanto, é evidente que até hoje, a sociedade acredita em um enigma que permanece alimentado muitas vezes por uma postura mais ideológica, porém, desfigurada do que comprovadamente científica.

A história dessas etnias, está marcada, talvez como nenhuma outra, pela experiência em contribuir de forma importante na cultura e na história dos espaços que viveram, contudo, carrega em si a marca das perseguições das sociedades dominantes, das migrações forçadas, das deportações e das milhares de vidas eliminadas no genocídio, além do desamparo das políticas públicas e sociais. Além disso, é nítido que o nomadismo praticado pelos ciganos foi um deslocamento forçado, e que estas etnias foram construídas pelo olhar das sociedades hegemônicas, assim como as suas imagens, através dos vários discursos pejorativos. Muitas dessas representações não se restringiram a trabalhar um só indivíduo, mas sim uma coletividade, e foram direcionadas por meio de rótulos geralmente negativos.

1.2 Expulsão dos ciganos da Península Ibérica (Espanha e Portugal)

Fazendo uma breve abordagem sobre os ciganos na Península Ibérica, destacamos que antes da entrada deles no território Português, estes eram oriundos da Espanha, e lá eram peregrinos como acontecia em outras partes do continente.

Os primeiros ciganos da Espanha eram do norte da Europa, e já tinham viajado pela Alemanha, Holanda e França, até atravessarem os Pirineus em direção ao seu território. Ao chegarem ao território espanhol, ainda na primeira parte do século XV, os ciganos foram bem recepcionados, participaram dos banquetes reais e receberam auxílios como dinheiro, roupas e alimentos. Tanta cordialidade logo no início, não demorou muito tempo para acabar, já a partir do final daquele século.

As medidas legislativas anticiganas tinham como objetivo inicial a integração deles na sociedade espanhola, ou seja, a princípio, aquelas ferramentas tinham como seguimento a tentativa de aculturar um povo, e, caso não fosse possível eram mais duras, e visavam a expulsão deles do país, ou até mesmo o extermínio daquelas etnias. A Espanha seguiu a tendência europeia da época, com o uso de meios para perseguir os ciganos.

Ao longo do tempo, as perseguições contra os ciganos na Espanha dos séculos XV e XVI já estavam em vigor. As punições eram variadas e os meios rígidos acrescentados conforme cada situação. Neste sentido, Frans Moonen (2013, p. 36), destaca que:

Entre 1499 e 1534 ordena-se várias vezes que os ciganos, dentro de 60 dias, obtenham uma profissão ou um patrão e é lhes proibido de viajarem juntos, sob punição de cem açoites e banimento. Os reincidentes serão marcados com um corte nas orelhas, ficarão 60 dias encarcerados e serão banidos. No caso de nova reincidência serão escravos de quem os capturou. Em 1539 a ordem é repetida sendo que o prazo é de três meses; são proibidos os deslocamentos de mais de três pessoas às punições acrescentam-se seis anos de trabalhos forçados como remadores nas galés.

De acordo com o autor, os aspectos de classificação das perseguições eram distintos, assim como o contexto das punições, ele nos apresenta dois momentos sobre isto, que ocorrem em épocas distintas, porém vivenciados pelos povos ciganos na Espanha.

No primeiro momento, é perceptível que eles tinham um prazo estabelecido para encontrar uma profissão ou um patrão, contudo, não poderiam viajar juntos, pois isto geraria consequências punitivas de cem açoites e banimento. Os reincidentes, ou seja, os que haviam cometido crimes antes, eram marcados com um corte nas orelhas, e ficavam 60 dias encarcerados, além de serem banidos do país. E, caso praticassem uma nova reincidência, eram

escravizados por quem os capturasse.

Já no segundo momento, a ordem é repetida, porém, o prazo dos encarcerados era maior e os deslocamentos acima de três ciganos eram proibidos. Neste segundo momento, as punições são aumentadas em seis anos de trabalhos forçados nas galés. A partir do ano de 1560, os deslocamentos acima de dois ciganos eram proibidos, assim como, o uso das suas roupas tradicionais, ou seja, um casal cigano sequer poderia andar junto ou em família, a depender da situação. Podemos compreender que nesta época, as punições eram mais severas, e atingiam até mesmo as crianças, e como é perceptível, as repressões evitavam até o contato entre os próprios ciganos.

As punições nestes casos, seriam de dezoito anos nas galés para os ciganos com idade superior a 14 anos de idade, e caso fossem reincidentes, a pena era a morte para os nômades, e as galês para os sedentários. Vale ressaltar aqui, que órgãos como a Igreja Católica, participaram da perseguição aos ciganos na Espanha. Sobre isto, Frans Moonen (2013, p. 36) apresenta importantes revelações:

Em momento algum a Igreja Católica se opôs a esta perseguição cruel aos ciganos, antes pelo contrário, era justamente ela que talvez mais instigasse os governos a punir os ciganos. Pabanó (1915) informa que no Concílio de Tarracón, de 1591, a Igreja pediu aos poderes públicos que castigassem os ciganos “dos quais apenas consta que são cristãos, mas que na realidade são uns embusteiros, ladrões, vigaristas e viciosos”. E no Século 17 o teólogo Sancho de Moncada enviou ao rei um amplo documento em que solicita severa repressão aos ciganos, sua deportação do país, e defende a pena de morte, inclusive para as mulheres e crianças ciganas, “porque não há lei que nos obrigue a criar filhotes de lobos.

A citação do autor, nos mostra que a Igreja Católica não fazia oposição as perseguições espanholas, e revela que a sua postura era justamente de instigadora dos governos para punir os ciganos. Ademais, é evidente no texto que aquela instituição fazia pedidos aos poderes públicos para que castigassem os ciganos que eram tidos como cristãos, contudo, estes na verdade, transmitiam rotulados pejorativos no olhar da instituição. Ainda sobre este assunto, a escrita nos mostra que a Igreja Católica do século 17, solicitava severas repressões que incluíam deportações do país (Espanha), e que era uma grande defensora da pena de morte aos ciganos, sem exceção das mulheres e crianças.

É oportuno relatar, que quando se tratava de perseguição aos povos ciganos, a Coroa espanhola sempre contava com o apoio da Igreja Católica. Esta parceria inclusive, ocorria na elaboração de estratégias genocidas.

Frans Moonen (2013), nos conta que no ano de 1746, um Bispo de Oviedo propôs ao rei, a realização de uma razia cigana a nível nacional. O objetivo era que todos os ciganos do

território da Espanha, fossem presos em uma determinada noite, e a posteriori usados em trabalhos forçados e tivessem os seus bens vendidos. O rei acatou o conselho do bispo e o ataque foi realizado no fim de junho de 1749, com apoio militar. Neste fato idealizado pela Igreja e a Coroa, ocorreu a prisão de nove a doze mil ciganos e muitos deles acabaram assassinados, porém, os idealizadores não previram o que fazer com os milhares de ciganos presos, neste caso, não restou outra alternativa a não ser soltar a quase totalidade das famílias ciganas.

Na Espanha, existia uma política com objetivos de inserir os ciganos na sociedade, através da eliminação das suas especificidades (identidade, língua, roupas, nomes, etc). Aqueles que não seguiam os princípios locais estabelecidos pelo governo e a Igreja, eram expulsos do país, condenados às galés ou à morte, em último caso.

Com o passar dos anos, as ordens repetiam apenas os textos anteriores: o vestiário, o estilo de vida e a língua, foram proibidos, e todos os ciganos deviam seguir as normas ditadas ainda no ano de 1783. Além disso, a residência fixa deles tinha que ocorrer em um prazo máximo de noventa dias, e o nome ‘cigano’ não deveria fazer parte dos seus respectivos documentos naquela época. Caso houvesse algum reincidente nos casos citados, estes seriam punidos com a morte, e como era praticamente inevitável ir contra o regime imposto, muitos ciganos fixaram compulsoriamente, residência nas cidades, e, passaram a seguir as normas locais ao exercer outras atividades profissionais. Todavia, muitos devem ter sido condenados às galés ou à morte. Porém, os documentos deixam claro que muitos deles se refugiaram em regiões inóspitas da Espanha ou em outros países, como o vizinho Portugal.

Ao longo da sua prolongada experiência dentro da Península Ibérica, os assim conhecidos gitanos na Espanha e ciganos em Portugal passaram a se autodenominarem Calons (para os homens) e Calins (para as mulheres), com isto, esta etnia passou a ser conhecida também como ‘ciganos ibéricos’. A sua entrada no reino Português, ocorreu pelas fronteiras da Estremadura e Andaluzia espanholas. Em Portugal, eles foram perseguidos e condenados, assim como em outras partes do continente eurocêntrico.

O reino de Portugal criou degredos, com regras punitivas direcionadas as pessoas que eram indesejáveis socialmente, e seguiu a ideologia de uma Europa moderna que estava passando por um processo de transformação. Naquela época, a Europa defendia a ideia de uma cultura superior as demais e dentro deste ponto de vista, os ciganos eram inferiores e intrusos no seu espaço, que somente selecionava os seres importantes para o seu progresso.

A ideologia social predominante na Europa contribuiu para estabelecer fronteiras que serviram para construir meios de separar os que foram aceitos socialmente e os excluídos da sociedade moderna europeia. Na época moderna, um conjunto de valores sociais, princípios e

‘ideias’, foram formulados tanto pelo Estado quanto pela Igreja Católica, ao passo que os bons modos deviam seguir uma postura social moralmente constituída.

A Igreja por exemplo, estava mais preocupada com as práticas divinas e condenava as atividades praticadas pelos ciganos. Desse modo, o reino de Portugal não foi indiferente dos outros espaços da época e adotou medidas para conter o avanço dos considerados indesejáveis, e assim, foram criados degredos.

O degredo civil estabelecido pelos portugueses constituiu uma pena que servia como mecanismo das autoridades para banir criminosos e inúteis da sua sociedade, mas, funcionava também, como um importante mecanismo colonizador, visto que, aquelas ferramentas tinham a função de forçar a prestação de serviços dos degredados portugueses à Coroa nas colônias do ultramar.

É importante reforçar, que o contexto dentro das práticas de degredo imposta pelos países Europeus, relacionados a expansão ultramarina, tinha como argumento, a necessidade utilitarista de transformar aquilo que até então seria visto como um ônus social em capital humano a ser disponibilizado a serviço do Estado (TOMA, 2002, p.72 apud MENINI, 2014, p.1).

Os europeus eram distintos dos ciganos, e as suas ideias econômicas eram voltadas para o trabalho, estavam vinculadas ao setor econômico, razão pela qual consideravam que os nômades ciganos eram improdutíveis, e não aceitavam o fato deles serem resistentes as imposições superiores. Durante a modernidade portuguesa, todos os indivíduos considerados vagabundos, passaram a ser punidos com normas cíveis, afim de que tivessem alguma utilidade social em prol do Estado.

Portugal por sinal, foi o primeiro a adotar a pena de degredo de modo sistematizado em seu código legal, já a partir do século XV, o degredo civil passou a ser aplicado de forma regular naquele reino. Dentre os diversos degredos, destacamos aqui o ‘degredo colonial’, que tinha o poder de enviar os condenados para as colônias, o ‘degredo interno’, que enviava os condenados para as regiões inóspitas e afastadas, contudo, localizadas dentro do território metropolitano de Portugal, e o ‘degredo nas galés’, que era o trabalho forçado nas galés.

Como é perceptível, as punições de degredo eram as mais variadas e aplicadas frequentemente aos ciganos no reino, assim como os serviços forçados. As galés portuguesas eram embarcações de baixo bordo, compostas por grandes grupos de remadores distintos em três classes: forçados, escravos e voluntários.

Os forçados eram os degredados, já os indivíduos escravizados podiam ser mouros, turcos ou negros africanos, e os voluntários eram os combatentes. Estes grupos moviam aquelas

embarcações. O degredo nas galés por sinal, foi uma das maiores punições impostas aos degredados, previstas pelo código português, era significativa a presença de homens ciganos que trabalhavam nessas embarcações (MENINI, 2014, p. 6).

As normas regulamentadoras citadas, tinham o poder de controlar de forma legítima aqueles que eram punidos, mas também, tinham como objetivo, aproveitar os serviços dos condenados em benefício do reino português. Os condenados no reino, tinham o seu comportamento julgado, e eram considerados perigosos ou na menor das hipóteses, ofereciam algum prejuízo para a manutenção da ordem em Portugal.

Dentre as atividades consideradas ímpias pelo poder soberano, destacavam-se os crimes contra a fé católica e os crimes que eram considerados contra o Estado Português. Os considerados ‘vadios’, ‘ladrões’, ‘vagabundos’, ‘homicidas’ e ‘prostitutas’, estavam dentro destas categorias, assim como os ciganos que ao longo de toda a época moderna, foram condenados pelas autoridades régias do reino de Portugal (MENINI, 2014, p.2).

O modo de vida dos ciganos e as diferenças culturais dentro do território português, estiveram na origem das medidas repressivas penais e civis contidas nos degredos que foram aplicados ao longo dos séculos no reino luso. O estilo de vida dos ciganos, especialmente aqueles ligados a vida nômade, a itinerância praticada sempre em grupo, o hábito de residir em tendas, barracas, e as suas vestimentas, além das atividades quiromantes específicas que eram desempenhadas pelas mulheres ciganas, as práticas ligadas aos homens ciganos como o comércio de cavalos, o trabalho com metais e a arte circense, se tornaram alvo de preocupação das autoridades régias de Portugal.

Como é possível associar, as atividades ligadas à organização social dos ciganos foram possíveis na modernidade portuguesa, mas, eram vistas como práticas antissociais e estiveram na origem das medidas repressivas. As leis anticiganas eram duras, e as relações entre os portugueses e aqueles povos étnicos ficaram mais estreitas ao longo do tempo. Atividades, como furtos, homicídios, falsificação de moedas, crimes contra a fé católica e outros crimes considerados contra o Estado, eram inaceitáveis e estavam na contramão da chamada ordem social. Para uma melhor compreensão sobre este assunto, cita-se novamente Natally Chris da Rocha Menini (2020, p. 278)

Na legislação, os grupos ciganos foram estigmatizados e categorizados pelas autoridades monárquicas ibéricas como “inúteis” e “prejudiciais” para a manutenção da ordem que se buscava estabelecer nas sociedades de Antigo Regime. A ordem social, nesse sentido, consistia na “desigualdade das coisas”, prevendo para cada um o seu lugar numa rede hierarquizada de posições. O bom costume “deveria seguir uma ética social que estava assentada na ideia de ordem e no respeito aos privilégios

atribuídos a cada categoria social”, ao passo que a moral se configurava como um conjunto de valores norteados pela ortodoxia religiosa católica.

Os ciganos eram incluídos na categoria dos ‘desviados sociais’ pelas autoridades lusitanas e os seus comportamentos culturais e sociais criticados e criminalizados, além de considerados prejudiciais para a continuidade da ordem buscada pela sociedade hierárquica. Cabe destacar também, que outros comportamentos ligados à sua organização social preocupavam o moderno reino português e as suas autoridades. Apresentando a visão sobre o assunto, destacamos que, o uso do conteúdo linguístico específico dos ciganos que viviam no espaço lusitano, passou a ser expressamente proibido, pois a entrada desses grupos na Península Ibérica introduziu a partir da interação com os espanhóis e portugueses, novos vocábulos, e isto era visto como confronto por parte da sociedade portuguesa dominante, que defendia o uso da língua portuguesa para a reafirmação e hegemonia da identidade coletiva no Império de Portugal. Incompreensível e recusada, a estrutura linguística dos ciganos passou a ser chamada de ‘geringonça’ pelas autoridades que regiam Portugal.

Uma série de práticas discriminatórias foram associadas na medida em que os ciganos eram concebidos como um todo, como um grupo em que todos aqueles indivíduos compartilhavam costumes e características morais negativas. Os ciganos foram ligados a diversos estereótipos, que eram convertidos em ‘verdades absolutas’ no mundo Português, e que consequentemente contribuíram para a estigmatização daqueles grupos.

Como vimos, a exclusão e as medidas discriminatórias direcionadas aqueles ciganos passaram por um processo antes de serem concretizadas no Reino de Portugal, e foram aplicadas através de diversos mecanismos para impor ‘padrões sociais’ contra os indesejáveis naquela época. É importante destacar que o senso comum de discriminação também foi compartilhado pelos países Ibéricos, do mesmo modo que foi adotado em toda a Europa da época.

A política estatal de segregação da comunidade cigana em razão da sua identidade étnica e cultural, e a postura portuguesa ao aplicar penalidades e degredos, levou a deportação forçada ou não daqueles ciganos portugueses para as colônias portuguesas na África ou no Brasil.

No caso do Brasil, os primeiros ciganos que desembarcaram foram os deportados de Portugal, e em sua maioria, foram os da etnia Calon, ainda no século XVI. Este país europeu por sinal, preferiu adotar em alguns casos o banimento dos ciganos Calon para as suas colônias, e viu que o degredo era a melhor alternativa segundo as autoridades locais da época para se livrar da presença dos indesejáveis, como dito antes.

No solo brasileiro, os ciganos da etnia Calon, trouxeram suas características e traços identitários como o nomadismo. Característica essa que permitiu a eles o desenvolvimento de grandes habilidades para o comércio, já que o deslocamento entre regiões e países possibilitou aos mesmos o fortalecimento das suas habilidades e a inclusão de outras. Além do mais, o modo de ser e de viver desses povos também migrou. Aqui destacam-se a dança, música, vestimentas e adereços coloridos.

Infelizmente, a visão sobre os traços tradicionais como o nomadismo e os aspectos culturais dos povos ciganos que eram entendidos na Europa durante o período moderno e, mais especificamente, no Reino de Portugal, como culturas criminalizadas e consideradas prejudiciais para a manutenção da ordem social, foram deportados juntamente com aquelas etnias. Assim, os ciganos já adentraram no Brasil com o estigma de ‘indesejáveis socialmente’ por causa das perseguições e dos preconceitos vividos no passado, além dos estereótipos negativos contados por uma única história.

João de Torres sempre é citado como o primeiro da etnia Calon a entrar no Brasil por ter sido condenado pelo simples fato de ser cigano e sentenciado às galés. Alegando que ‘era fraco e pobre e que não poderia servir em coisa de mar’, de início, João fez um pedido para sair do Reino de Portugal ou então ir para o Brasil em definitivo. O seu pedido foi deferido e a sua pena para o território brasileiro foi de cinco anos onde levará sua mulher Angelina e filhos (COELHO 1995, apud MOONEN, 2013, p.87). Todavia, é incerto sobre a chegada ou permanência de João de Torres e sua família na colônia portuguesa, ou se os ciganos permaneceram em Portugal. Contudo, é certo que oficialmente, em 1686, foi degredado o destino dos ciganos para as terras brasileiras, através de um decreto real que colocou o Maranhão como uma das rotas dos condenados, além do citado continente africano.

É importante destacar que os ciganos foram degredados para outras capitanias da região nordeste, a exemplo do Pernambuco e da Bahia, e para outras partes da colônia portuguesa da América. Mas, além de deportados, o reino de Portugal ordenava que os governantes das capitanias seguissem regras sobre aqueles ciganos. E, nestes casos, proibia os ciganos de usarem a língua e as gírias, bem como, não era permitido que ensinassem o dialeto aos seus respectivos filhos, com o intuito de obter o seu fim. Havia também um controle das autoridades locais sobre os degredados, relacionado aos seus comportamentos, pois deveriam emitir um termo que comprovasse a conduta dos ciganos durante o período do degredo e sobre o cumprimento do mesmo.

No Brasil daquela época, os ciganos teriam como função ajudar a ocupar as extensas áreas desabitadas dos sertões nordestinos. Aqui, destacamos que mesmo deportados, os povos

ciganos tiveram um papel importante e contributivo para o povoamento do Brasil a partir do século XVI. Sobre este assunto, Elisa Maria Lopes da Costa (2005), nos revela que povoar as áreas dominadas pela Coroa lusitana, era um fator importante, pois aquela atividade precisava seguir algumas exigências decretadas pelos dominantes, para que pudessem render o máximo. Assim, segundo Costa (2005), era necessário haver, nestas intenções, “gentes afoitas, aventureiras e audazes”, disposta a arriscar desde o início a própria vida em proposito das intenções do reino.

As penas contidas nos degredos buscavam não apenas expulsar os ciganos do reino de Portugal, mas incorpora-los como elementos povoadores das posses lusitanas além do mar. Citamos novamente Natally Chris da Rocha Menini (2020, p. 288) para explicar melhor sobre este assunto:

As penas de degredo buscavam a um só tempo expulsar os ciganos do espaço metropolitano e incorporá-los como agentes povoadores nas possessões lusas ultramarinas utilizando-se de trabalho forçado. Assim, foi justamente na condição de “degredados do reino” que os ciganos e as ciganas desembarcaram nas colônias, incluindo o Estado do Brasil que, especialmente durante o século XVIII, passou a receber o envio sistemático de populações ciganas em seus portos coloniais.

Deste modo, foi na condição de ‘degredados do reino de Portugal’, pelo fato de possuírem uma conduta pouco compatível com os valores europeus da época, por serem vítimas do anticiganismo enraizado e perpetuado por gerações, que os ciganos e as ciganas desembarcam nas colônias ultramarinas, inclusive do Estado do Brasil a partir do século XVI.

CAPÍTULO 2

O Anticiganismo

Ao buscar um conceito para a definição do anticiganismo e para um melhor entendimento sobre este assunto, citamos de início Frans Moonen (2013), por ter feito uma análise importante sobre esta questão. Segundo o autor, o anticiganismo pode ser definido como “doutrinas ou atitudes hostis aos ciganos e que contra eles propõem medidas discriminatórias” (MOONEN, 2013, p. 5). Ou então: “atitudes, atos ou políticas contrárias aos interesses e direitos ciganos” (MOONEN, 2013, p. 5). Vejamos que o termo anticiganismo, citado e analisado sabiamente pelo pesquisador, possui duas formas de visão para sua definição e objetivos, mas, em ambas, é perceptível a existência de um senso comum contrário aos povos ciganos, ou seja, as atitudes e medidas contidas no anticiganismo propõem atos políticos cujo interesse é discriminar ciganos e retirar seus direitos humanos.

Para um melhor entendimento sobre o anticiganismo, faz-se necessário, de forma breve, conhecer o seu início. Antes de ser praticado contra as etnias ciganas, o anticiganismo foi construído através de diversas contribuições negativas, para depois ser cristalizado na sociedade até os dias atuais.

O Anticiganismo, nasceu a partir da desconstrução da imagem cigana ao longo da história, o fato de muitos ciganos terem aparentemente uma conduta pouco compatível com a realidade dos valores culturais e sociais dos europeus da época da migração contribuiu para o seu avanço, e as ameaças de concorrência política e econômica também, além de outros fatores como o reforço dos estereótipos negativos por parte dos ciganólogos europeus.

O surgimento dos denominados ciganos no solo europeu logo no início do século XV fez surgir os primeiros estereótipos, já nos primeiros contatos com outras culturas, que os definiam como: nômades (Pelo fato de não permanecerem no mesmo lugar por muito tempo); Parasitas (Por viverem mendigando); Trapaceiros (Pelo aproveitamento da incredulidade do povo); avessos ao trabalho; desonestos; ladrões; pagãos que não acreditavam em Deus e sem religião própria. Isto, coincidiu também com um período de diversas transformações naquele continente e foi por esse e outros motivos impróprios a Europa da época, e em todos os países, sem exceção, que foram adotados meios para persegui-los de forma violenta e até extermina-

los. Além disso, o simples fato de ser cigano, já era um crime ou representava um termo pejorativo.

Os atos supostamente cometidos por eles, era um dos motivos para condena-los e odiá-los. Conforme a narrativa de várias lendas, os ciganos são acusados por atitudes supostamente cometidas durante o nascimento ou a crucificação de Jesus Cristo. A presença dos ciganos nunca foi comprovada de fato nestes casos ocorridos no início da era cristã, e como mostram os estudos atuais, sabemos que nesta época citada, aquelas etnias não haviam saído da Índia para crucificar Jesus, roubar um dos quatro pregos da cruz, ou praticar outra medida qualquer, pois a diáspora somente aconteceu a partir dos séculos IX e X da era cristã.

Por causa disto e de outros atos erroneamente ligados aos ciganos, todos os países europeus, sem exceção, passaram a violentar e perseguir os ciganos, e em alguns países muitos foram até exterminados. Outras acusações que geraram o ódio aos ciganos precisam ser citadas. Em uma Europa infestada de mendigos e vagabundos não ciganos, o ódio aos ciganos por serem pedintes e mendigos foi adotado pelos europeus da época.

O ódio as etnias ciganas, por não respeitarem a propriedade alheia ou simplesmente por serem ladrões, que praticavam pequenos furtos, usando apenas a astúcia, sem a necessidade de usarem a violência física, conforme contam os documentos históricos, ao contrário dos ladrões e assaltantes europeus (não ciganos), que em muitos casos assassinavam suas vítimas ou incendiavam propriedades rurais.

Outro motivo que gerou ódio aos ciganos, está relacionado aos primeiros bandos que apareceram na Europa, e eram liderados por condes e duques, ou supostamente nobres que se comportavam como tais. Acontece que estes ‘nobres’ ciganos, não eram detentores de terras e embora falassem que estavam apenas de passagem, ‘em peregrinação’, ameaçavam ocupar para sempre parte das terras de um ou outro nobre (não cigano) qualquer. O fato é que nestes casos, os ‘nobres’ ciganos possuíam documentos com poderes atestando que dificilmente sairiam de um determinado lugar voluntariamente, porém quando pressionados ou obrigados. Com isto, fica evidente que os ciganos se tornavam uma ameaça política para as classes dominantes locais da época.

Na Alemanha e na Holanda, as autoridades públicas municipais pagavam para que os ciganos não entrassem em suas cidades, ou retornassem nunca mais. Algumas cartas de apresentação fornecidas pelos reis, nobres e príncipes, eram meios para excluir o quanto antes a incômoda presença dos ‘nobres’ ciganos e às vezes das suas centenas de seguidores, como os ‘sem terra’, ‘sem teto’, ‘sem emprego’ e ‘sem salário’, antes que ocupassem de forma definitiva uma parte do território (MOONEN, 2013, p.102).

Os ciganos também exerciam atividades concorrentes com os profissionais urbanos, a exemplo dos ferreiros, caldeireiros e artesões de um modo geral. Estas atividades eram controladas pelas corporações locais, (muito semelhantes aos sindicatos atuais) que dificilmente aceitavam a concorrência econômica de pessoas de fora, e muito menos dos que eram tidos como ‘forasteiros’ e ‘exóticos’ e era visto como uma perda de espaços. Muitos ciganos, ocupavam outras profissões, e eram artistas, músicos, acrobatas, ou apenas mendigos, mas isto também ameaçava a concorrência econômica, pois os ‘artistas de fato’ e até os mendigos (não ciganos) tinham que defender os seus interesses.

O aspecto sujo, o tom da pele, a linguagem incompreensível, a origem desconhecida, as práticas específicas, o modo de vida, o fato de aparentemente não terem religião, as práticas das mulheres ciganas vistas como mágicas, por saberem prevê o futuro e jogar cartas, são outros aspectos reais que ameaçaram a vida das outras culturas. Esse processo de formação histórica, foi iniciado como vimos anteriormente, através do contato entre os povos diferentes na Europa do século XV, e isto, gerou estereótipos e preconceitos contra os ciganos.

Lembramos aqui, que estereótipos são crenças, convicções e ideologias sobre grupos de pessoas, porém, estas persuasões, podem ou não fazer parte das suas realidades, e não necessariamente precisam resultar em preconceito, já que estereótipos podem ser compostos de aspectos positivos ou negativos. Mas, na realidade, muitas características foram ligadas, repetidas e reforçaram os velhos estereótipos sobre os ciganos, para defini-los na história.

As imagens negativas construídas sobre as etnias ciganas, no mundo inteiro, são muitas, e, pretendemos, analisar apenas aquelas que consideramos as principais e mais danosas, ou seja, apresentamos, a imagem do cigano ladrão, trambiqueiro e vagabundo, pois são acusações que sempre aparecem desde o século XV. A imagem do Cigano Ladrão é antiga, assim como a fama, pois ao chegarem na Europa, eles já eram acusados de furtar pequenas quantidades de frutas, animais, legumes e lenhas. O furto de alimentos e de pequenos objetos, na maioria das vezes, era para a sua sobrevivência e da família. Com o passar do tempo, foram acrescentadas lendas sobre eles, e surgiu a fama de serem ladrões de cavalos e de roubarem criancinhas.

O ‘cigano trambiqueiro’ é ligado ao indivíduo vigarista, que faz algum negócio geralmente com um não cigano, e leva vantagem sobre o mesmo, ao engana-lo. Os homens ciganos costumam ser acusados de enganadores, desonestos e de não agirem de boa fé em suas transações de negócios com os *gadje* (termo usado pelos ciganos para nomear os homens não ciganos). Já as mulheres ciganas são vistas como trambiqueiras, ao praticarem suas atividades específicas, de ‘leitura das mãos’ ou aplicar algum ‘golpe’ ao desvendar o futuro de alguma suposta vítima.

O ‘cigano vagabundo’ geralmente é creditado ao indivíduo que não gosta de trabalhar, que é desocupado e preguiçoso. Os fatos históricos mostram que esta visão é creditada pelo não cigano, ao cigano. Entretanto, a realidade mostra que o cigano praticava a sua atividade profissional, ou pelo menos tentava, mas, como isto era um problema e um incômodo, a Europa moderna proibia ao máximo o seu trabalho, e dificultava legalmente em muitos casos, as atividades econômicas.

Como relatado anteriormente, velhos estereótipos sobre os ciganos foram constantemente repetidos e reforçados. Consta em publicações a partir do século XVIII que os primeiros livros que citaram os ciganos europeus, não ficaram isentos do anticiganismo e fortificaram ainda mais os estereótipos negativos. Foram muitas as contribuições anticiganas na literatura, e não pretendemos e nem será possível citar todos. Por isso, citaremos alguns.

Heinrich Grellmann foi um escritor de sucesso editorial, autor do *best-seller* traduzido para várias línguas: *Os Ciganos...na Europa*. O fato é que, o autor escreveu o seu livro através de ‘contatos esporádicos’ com alguns ciganos, ou seja, a obra foi escrita por indícios rasos, isolados, e sem seguir critérios sobre as etnias ciganas, e Grellmann preferiu citar outros autores que falavam daquelas etnias, em vez de realizar sua própria pesquisa de campo. Este ato dele segundo Moonen (2013), deu início a um problema comum entre os ciganólogos posteriores, pois poucos tiveram qualquer contato direto com os ciganos, mas, plagiavam as suas respectivas obras. Ainda sobre o assunto, Moonen (2013), cita que a parte etnográfica desta obra foi toda transcrita de uma série de um autor anônimo, que escreveu pequenos artigos sobre a etnografia sistemática dos ciganos da Hungria e de Siebenburgen (Na Áustria, fronteira com a Hungria).

Além disso, Grellmann, citava em suas obras fontes de jornalistas sensacionalistas. Ao falar sobre ‘comidas e bebidas ciganas’, o autor transmitiu a notícia de jornais de 1782, que acusava os ciganos de serem canibais. Naquela época, muitos ciganos foram presos acusados de terem cometido o crime de assassinato e terem comido as pessoas desaparecidas. Neste caso, 41 ciganos foram decapitados, outros enforcados ou esquartejados. Posteriormente, os ciganos mortos foram ‘inocentados’, pois ficou comprovado que não fazia sentido as acusações contra eles, e as pessoas supostamente assassinadas, reapareceram, mas, a construção negativa da imagem dos ciganos já estava feita, e os europeus já estavam informados e acreditavam que os povos ciganos eram comedores de carne humana (Moonen, 2013, p. 103).

Grellmann, também reforçou o anticiganismo, ao analisar a origem, os hábitos alimentares, as mulheres, e outras especificidades dos povos ciganos. Sobre a origem, o escritor disse que se os ciganos são originários da Índia, eles só podiam ser da ‘casta mais baixa, dos párias’. Com isto, Grellmann tentou fazer comparações raciais e culturais entre os povos

ciganos e os párias indianos.

Segundo ele, os párias indianos e os ciganos teriam em comum: uma pele escura e baixa estatura, nudez das crianças, moradia em tendas, preferência por roupas encarnadas, uma língua secreta, danças sensuais, endogamia; os indivíduos de ambos os grupos eram sujos e horrorosos, medrosos e covardes, ladrões, mentirosos, e sem noção de pecado; gostavam de bebidas alcoólicas; as mulheres e moças tinham uma conduta imoral; eram indiferentes quanto à religião, etc. etc. (MOONEN, 2013, p. 103).

Na visão do autor, os hábitos alimentares “não eram vistos como os melhores, e a cozinha possuía pouca limpeza” (MOONEN, 2013, p. 103). E, segundo ele, os ciganos não tinham horários fixos para comer e beber. Grellmann também analisou outros hábitos culturais sobre as etnias ciganas:

Quanto à cultura: os hábitos alimentares dos ciganos não eram dos melhores, a cozinha era pouca higiênica, não tinham horários para comer e beber, e comiam gado morto por doença ou acidentes, ou carne considerada imprópria para consumo; homens e mulheres gostavam de fumar cachimbo. Usavam vestuário pobre, bem colorido, de mau gosto, principalmente as mulheres, além de muitos brincos e anéis. Suas habitações eram primitivas, mesmo entre os sedentários; viviam em barracas, cavernas e tocas subterrâneas, como animais selvagens. Os casamentos eram precoces, entre 12 a 14 anos, não importando que fosse com parentes. Sempre casavam com membros do próprio grupo (endogamia). Tratavam bem as crianças, que eram mimadas demais; tudo lhes era perdoado, e desde cedo aprendiam a dançar e roubar, mas não frequentavam escolas.

O autor mostra aqui, que os hábitos culturais dos ciganos já eram vistos como impróprios na literatura europeia do século XVIII. O seu livro ‘científico’ sobre a origem, cultura, mulheres, casamentos, e outros aspectos publicados nesta obra, que citam os ciganos europeus da época, não ficou isento do anticiganismo, além do mais, fez análises precoces sobre as etnias ciganas, e contribuiu com o problema da reprodução dos estereótipos negativos, do plagio e da pesquisa rasa. Estes e outros reforços citados anteriormente, retransmitiram os velhos e inúmeros estereótipos e preconceitos sobre as etnias ciganas.

Dimitri Fazito (2006, p.693) nos apresenta a existência de uma “contaminação palpável” entre o saber erudito e popular. Ou seja, é um fato real que os verbetes das enciclopédias e dicionários clássicos da Europa iluminista, do século XVIII ao XX, foram fundamentais para o prevalecimento das percepções e dos estereótipos ciganos baseados no imaginário *gadjo*. As suas publicações seguiam ‘certas visões’ mais ou menos padronizadas por meio da seleção editorial, ao divulgar representações sobre os ciganos.

A incorporação de representações populares, condenou os ciganos ao longo dos séculos

XVI e XVII. Ainda segundo Fazito (2006, p. 693):

A condenação moral dos ciganos como indivíduos perversos, hereges e selvagens e, consequentemente, a suposição de banditismo, violência e vagabundagem tomaram contornos definitivos ao longo dos séculos XVI e XVII, graças à incorporação dessas representações populares sobre os ciganos na literatura e nas caracterizações artísticas do início da Idade Moderna.

A dimensão destes e de outros estereótipos negativos, levou ao surgimento de um olhar generalizado sobre os ciganos, e reforçou a apresentação como minorias étnicas, e logicamente nada positivas. E isso fez surgir consequentemente o preconceito, a discriminação, violência e os deslocamentos forçados daqueles povos por todo o mundo, cortando os seus direitos, através das políticas públicas hostis, com medidas criadas para excluir as etnias ciganas da sociedade.

Desde a sua chegada ao Brasil, como degredados de Portugal, os ciganos são alvos de perseguições e preconceitos, resultado da rejeição causada pelo anticiganismo construído a séculos, que ganhou espaço e progrediu até os dias atuais. Cabe citar novamente, que os ciganos degredados chegaram em um território usado como depósito dos ‘indesejáveis sociais’.

As etnias ciganas foram consideradas inaceitáveis nos períodos históricos do Brasil, e não foi diferente dos demais países. Em relação aos trabalhos como tema da História dos ciganos, podemos apresentar o livro de Rodrigo Corrêa Teixeira (2007), e a dissertação de Isabel Cristina Medeiros Mattos Borges (2007), como pesquisas importantes e complementares para o enriquecimento do nosso trabalho. Rodrigo Teixeira cita narrativas sobre a história desse povo em Minas Gerais, mas, faz lúcidos destaques sobre os períodos de 1808 à 1903, mostrando entre outros fatos, as relações entre ciganos e não ciganos. Isabel Borges apresenta a Intolerância contra as etnias ciganas na Primeira República, por conta das novas ideologias implantadas pela realidade europeia.

O nomadismo dos grupos ciganos, foi um fator específico que incomodou as autoridades no Brasil Colonial, e causou desconfiança das milícias, pelo fato daquelas etnias não fixarem por muito tempo a sua morada em determinada localidade. Então, aquele comportamento era visto como uma forma de fuga dos possíveis crimes de roubo cometidos por onde passavam. É importante destacar aqui, que com o anticiganismo surgiu o nomadismo, que forçou o movimento (deslocamento) dos povos ciganos, caracterizado pela não fixação em um único lugar.

Observamos, que durante o período da Corte portuguesa no Brasil, alguns aspectos que apresentam práticas e convívios menos conflituosos existiram entre ciganos e não ciganos. Sobre isso, foi possível a inserção dos ciganos em atividades econômicas como o comércio de

escravos, que inclusive, proporcionou uma ascensão social e econômica para eles, mesmo que por um período curto.

Destacamos aqui, que antes da abolição da escravatura em 1888, o comércio de escravos era visto como atividade útil por grande parte da população, e em alguns períodos foi possível que o mercado escravista estivesse em alta, com isto, o fato dos ciganos exercerem esta atividade proporcionou uma maior aceitação e valorização da sua imagem, e alguns deles tornaram-se ‘ilustre’ e patrocinaram até as festividades da Corte (TEIXEIRA, 2007).

Além da atividade artística, Rodrigo Teixeira (2007), nos informa também, que houve um tempo em que quase todos os cargos de oficiais de justiça do foro do Rio de Janeiro eram ciganos. É bem verdade que houve no Brasil este período histórico em que ciganos foram bem recebidos pela corte real e que participaram dos eventos imperiais. Há relatos inclusive que muitos ciganos eram próximos a D. João VI e gozavam da sua confiança.

Cabe destacar aqui, que a situação citada, começou a mudar no século XIX. Em fins da década de 1820 todo o prestígio dos ciganos, começou a ‘cair por terra’ com os movimentos políticos pela independência, que foram somados ao processo que gerou o fim do escravismo e o impulso da construção de uma identidade nacional. Estes e outros fatos contrários, contribuíram tanto para o deslocamento quanto para a própria identidade dos ciganos.

Logo na primeira república, os ciganos foram considerados um obstáculo à implantação do projeto crescente de modernização social inspirado na realidade europeia, assim como da civilização dos costumes das elites brasileiras, que pretendiam estabelecer regras de higienização das vias públicas, e consequentemente excluir do ‘mapa’ dos centros urbanos todos indivíduos que não estavam adequados aos ‘novos tempos’.

A política para construir uma identidade nacional, ligada a ideia de modernização, e os discursos de progresso, intensificaram o cerco sobre os ciganos da época, para que deixem os centros urbanos e periferias.

Desse modo, Rodrigo Teixeira (2007), nos mostra que no transcurso do século XIX, o Brasil almejava ‘novas ordens’, com metas cada vez mais intensas. A ‘civilização’ e o ‘progresso’ eram expressões fundamentais presentes na cultura europeia desde o final dos anos setecentos, no Brasil, foi no transcurso do século XIX que tais metas eram almejadas, cada vez mais. Desse momento em diante, foi intensificado a repressão contra as populações marginalizadas, entre elas, as etnias ciganas, que antes eram ‘bem vindas’, mesmo que por um curto momento. Assim, aquelas populações já não se enquadravam na nova ordem, e segundo acreditava a sociedade da época, representavam uma ameaça. Deste modo, a segregação ou a expulsão dos ciganos, passou a integrar o projeto “civilizador das autoridades imperiais”

(TEIXEIRA,2007. p.16).

Como mostramos até agora, neste período, havia uma tentativa de impor os valores ‘modernos’ e as políticas públicas voltadas a higienização e a organização dos centros urbanos. É importante compreendemos que a situação dos ciganos já representa um agravo no processo de deslocamento forçado para outros espaços, em consequência dos conflitos sociais. E, reforçamos que o comercio de escravos foi sendo visto com o passar dos tempos como uma atividade em declínio, pois após a abolição da escravatura, os poucos ciganos que permaneceram nele, sofreram consequências gradativas, foram perdendo a sua principal fonte de renda e se tornaram ‘miseráveis’, fato que os levou a tentar uma adequação (resistir) ao novo momento socioeconômico.

O período das últimas décadas do século XIX para as primeiras do século XX, foi interessante para a História do Brasil, porque representou mudanças sociais, complexas e tensas, de uma República que saía da Monarquia, e tinha como inspiração o progresso, a civilização e a modernidade, que chegavam da Europa, para impulsionar a urbanização e o crescimento social daquela época. Porém, partindo para a trajetória dos ciganos no Brasil durante os períodos históricos, percebemos o predomínio da repressão, intolerância e perseguições tão falados por Isabel Cristina Medeiros Matos Borges (2007).

Ser visto como obstáculo social em uma República de transações históricas e importantes, gerou reações tanto por parte das autoridades quanto da população da época, e isto, contribuiu para o agravamento de um processo de isolamento daqueles povos ao longo das décadas seguintes, e conseqüentemente, para concretização da invisibilidade política, econômica, social e também cultural, dos povos ciganos no Brasil (BORGES, 2007,p.7). O século XX, representa um agravamento dos desafios para a sobrevivência desses grupos, que, para manterem suas práticas tradicionais, tinham como dependência as suas atividades principais: como o comércio (para os homens), a quiromancia e a buena dicha (para as mulheres).

Destacamos aqui novamente a pesquisadora Borges (2007), pelo fato de nos permitir compreender que os ciganos eram ‘alvos certos e explícitos’ diante das ações e propostas da era Vargas, que tinha uma série de medidas que objetivavam entre outros fatores, uma ‘homogeneidade racial’, a defesa de uma ‘ordem social’, e propunha em nome da nacionalização, a execução de uma nova política demográfica que incluísse uma implacável ‘política de restrição à imigração’. Lembramos aqui, que após a deportação dos primeiros ciganos para o Brasil, logo no século XVI, foi possível a identificação de novas correntes migratórias com famílias oriundas dos Balçãs e da Europa Central, que chegaram ao país no

final do século XIX e início do XX. As pesquisas mostram que migraram para o Brasil pelo menos três grupos, os já citados Calon, a partir do século XVI. E os Rom e Sinti, logo depois.

Essa percepção sobre as duas correntes migratórias precisa ser observada com cuidado, pois fazem parte de diferentes origens e tempos, e não podem ser generalizadas. Além disso, os muitos ciganos que chegaram a posteriori, receberam outras denominações pelas autoridades e imprensa do período como ‘turcos’, ‘boêmios’ ou ‘sérvios’.

Reiteramos aqui, que as especificidades dos ciganos no período da colonização já incomodava as autoridades no Brasil, e que os conflitos sociais ocorridos na Primeira República, que representou um momento de perseguições e exclusão dos ciganos no Brasil, em virtude da nova ordem urbana, contribuiu para o agravamento de um processo de isolamento e de invisibilidade daqueles povos, e que as décadas posteriores do século XX, representaram um agravamento dos desafios para a sobrevivência destes, pois foram ‘alvos certos e explícitos’ dos próximos governos que defendiam uma nova política com ‘ordem social’.

Citaremos aqui, Márcia Yáskara Guelpa (2019), e a sua obra *Anticiganismo: o tamanho do preconceito no Brasil*, pelo fato da autora nos oferecer uma visão mais recente sobre o anticiganismo. A autora, apresenta que no Brasil, o ‘vírus do preconceito’ contra os ciganos continua presente, e é extremamente devastador e disfarçado. Percebemos aqui, que a dimensão do preconceito contra os povos ciganos é imensa e faz parte da realidade do século XXI.

Ao fazer uma importante análise sobre este cenário, Márcia Guelpa (2019), relata que visitou acampamentos ciganos das mais diversas regiões do Brasil, e constatou na realidade que o anticiganismo é uma constante. Em poucas páginas, são oferecidos alguns das inúmeras e terríveis situações discriminatórias contra as pessoas das etnias ciganas no Brasil. Ao que indica, os ciganos representam um certo fascínio entre os não ciganos, por causa da sua cultura, porém, segundo Guelpa (2019), a sempre a existência e acompanhamento de adjetivos que tem como função desqualificar de maneira cruel estas etnias. Entretanto, a autora alerta que apesar de antigo, o anticiganismo não é constante nos dicionários brasileiros, mas, possui ‘tentáculos devastadores’ que avançam implacavelmente por todos os países que os povos ciganos resolvem morar.

Ao apresentar um levantamento recente, Guelpa (2019) cita a Romênia, a Bulgária e a República Checa, como alguns dos diversos exemplos de rejeição, confinamento e crescentes manifestações neonazistas, e no caso da Eslováquia, esterilização das mulheres ciganas. Muitos ciganos inclusive, são forçados a voltar para o Kosovo, em virtude das expulsões ainda em curso na Alemanha, que por sinal, foi o cenário histórico do holocausto, que representa até hoje, a maior barbárie, opressão e violência contra os ciganos. O anticiganismo resultou nesta

tragédia histórica ocorrida em pleno século XX, na Alemanha Nazista, contra as etnias ciganas. É fato que, as únicas vítimas lembradas constantemente são judeus, e inclusive não faltam homenagens para memorizar este triste genocídio, que de fato ocorreu e que merece todas as honras, contudo, os povos ciganos também foram vítimas e o holocausto contra estas etnias é considerado de menor importância, ou seja, aparentemente, as únicas vítimas do terror praticado pelos nazistas que costumam ser lembradas de fato quando são ligadas a esta barbárie da humanidade são somente os judeus, e quase nunca os ciganos. Consta em documentos históricos que, ao lado dos cerca de seis milhões de judeus, estavam também, nos mesmos campos de concentração, nas mesmas câmaras de gás, nos mesmos crematórios, ou então fora deles, mas em qualquer lugar da Europa, cerca de 250 a 500 mil ciganos sendo torturados e massacrados. Aqui, podemos citar, três fatores tradicionais, que facilitaram a perseguição aos ciganos na Alemanha, antes do período da II guerra mundial: O ódio dos alemães e de outros europeus aos indesejáveis ciganos; os arquivos contidos na polícia criminal sobre os ciganos, desde o final do século XIX; e as diversas medidas sobre ‘higiene racial e biologia criminal’. Cabe citar, que no início do século XX, o anticiganismo na Alemanha, não era idêntico em todo o país, cabia assim a cada Estado ou Província inventar as suas próprias políticas anticiganas. Em Munique, (na Bavária) por exemplo, foi criado um serviço de inteligência, que registrava os passos de todos os ciganos daquele lugar.

Em 1925/26 a Bavária editou uma lei que tornou obrigatório a vida sedentária e condenou os ciganos não regularmente empregados a dois anos de trabalhos forçados. Esta lei inclusive, passou a ser válida em toda a Alemanha em 1929. Em 1927, todos os ciganos do território alemão, foram obrigados a andarem sempre com um documento de identidade, com retrato, impressão digital e outras informações pessoais. Na mesma Alemanha, foi criado o Serviço Central de Combate à Praga Cigana. Este órgão era nacional, e foi incorporado a outros já existentes e de semelhante função, em pouco tempo reuniu os mais de trinta mil ciganos alemães presentes no país. Este serviço foi extinto em 1947, mas recriado em 1953 com outro nome. E, novamente, extinto em 1970, ou seja, vinte e cinco anos após o término da segunda guerra mundial. Sobre este assunto, Moonen (2013), reforça que o serviço de inteligência alemão de combate à Praga Cigana foi sem dúvida o mais eficiente do mundo, sendo provável que poucos ciganos tenham escapado de seus registros.

O cenário internacional contra as etnias ciganas ainda persiste, e não é muito diferente do cenário histórico, pois em casos ocorridos na Hungria, os ciganos são perseguidos e sofrem agressões por parte das milícias paramilitares, fato que os fazem buscar refúgio no exterior. Na Bósnia e Herzegovina, eles são vítimas de discriminação diária, assim como nos países da Itália,

e no caso da França, são estigmatizados e também expulsos. A Suécia, admitiu recentemente que praticou a marginalização, a esterilização e tratou os ciganos como incapazes sociais durante o período de 100 anos (GUELPA, 2019).

Podemos perceber também, que os estereótipos ainda incidem sobre tais etnias, e muitos são perversos e representam ideologias históricas quando servem para apontar um ‘ser humano’ com a definição de sujo, trapaceiro ou ladrão. Aqui, reforçamos, que a inclusão social e cultural destas etnias ainda faz parte de uma realidade distante, visto que, os seus valores culturais são desconhecidos, e quando pouco conhecidos, são desrespeitados. Por isso, com frequência, são vítimas constantes do preconceito real. Reforçamos também, e corroboramos com Guelpa (2019), ao citar sobre este assunto, pois durante a maior parte da história brasileira, os povos ciganos foram mencionados em poucos casos, e quando isto aconteceu, foi em algum fato que pudesse desqualificar suas imagens. É notório que ainda haja um desconhecimento absurdo em relação as pessoas ciganas.

A falta de conhecimento sobre estas etnias ‘entorta’ suas imagens, leva a uma visão generalizada e singular sobre elas, e faz com que sejam rotuladas e tratadas com estereótipos, ou seja, o ser cigano, é associado desde os tempos históricos ao negativo, e isto foi cultivado e ampliado com agravos e reforços em torno de contos imaginários e falácias, que contribuíram contrariamente para a discriminação e o anticiganismo social e cultural, existente tanto no Brasil, quanto em todas as partes do mundo.

O nomadismo consequente do anticiganismo hoje em dia serve como um dos pretextos dos cartórios para dificultar ou até impedir o registro oficial por direito das pessoas ciganas, e em termos legais, leva eles a ‘não existirem’ em vida, assim como qualquer outra pessoa que não tenha documentos e que naturalmente estará fora dos padrões de existência social impostos legalmente pela sociedade, e isto, consequentemente, leva ao agravante das informações incompletas dos números exatos dos ciganos existentes no Brasil, fazendo com que estes dados numéricos tenham base aleatória ou inexistente. Outra consequência, é o agravo da ocultação das informações sobre os ciganos considerados civilizados, visto que, muitos ainda preservam suas tradições linguísticas e culturais, e não assumem ou foram levados a terem uma postura assim, para preservação dos seus respectivos traços identitários, diante da discriminação, ou seja, o direito a acessibilidade dos documentos de identificação civil obrigatórios a todo o cidadão, ainda é um problema para as etnias ciganas.

Por consequência de um tratamento público incompleto, outros direitos ao acesso de serviços básicos são negados atualmente, como a saúde pública (atendimento vacinal e emergencial, etc.), e também, a acessibilidade ao ensino público adequado, que inclusive,

apresenta casos frequentes de negatividade, assim como a saúde já citada.

O anticiganismo também pode objetivar uma prática de exclusão social, pois forçou o deslocamento dos povos ciganos tanto nas diásporas e nos países que foram deportados. E assim, alimentou legislações e decretos criados com frequência, e quase que idênticos, simplesmente para perseguir e evitar que a considerada ‘praga cigana’ avançasse em uma localidade, ou permanecesse em algum país. Além do mais, esta ferramenta de exclusão, foi alimentada por séculos, pelos povos dominantes, com o poder do discurso de uma história única. Assim, as medidas contidas no anticiganismo avançaram e contribuíram para a desigualdade social, e para a construção de muros, mas, o anticiganismo também pode ser visto como um meio de exclusão dos direitos humanos das etnias ciganas, como vimos até aqui. Toda esta questão levou ao surgimento de problemas enfrentados pelos ciganos no Brasil, todavia, é comum que passem despercebidos. Os ciganos brasileiros vivenciam diariamente as consequências do anticiganismo, que eleva as barreiras cotidianas de acesso a direitos.

Estas e outras pautas, serão apresentadas na continuidade do nosso trabalho, por meio das pesquisas, que expressam a condição histórica da etnia Calon, hoje residentes na cidade de Sousa - PB, onde concentra-se cerca de 2.500 ciganos. Esta cidade inclusive, é responsável por ‘abrigar’ o maior número de pessoas ciganas desta etnia brasileira, descendentes de Portugal, que ainda convive cotidianamente mesmo que de forma disfarçada, com o anticiganismo, com a falta dos princípios básicos obrigatórios e por direito de todo cidadão.

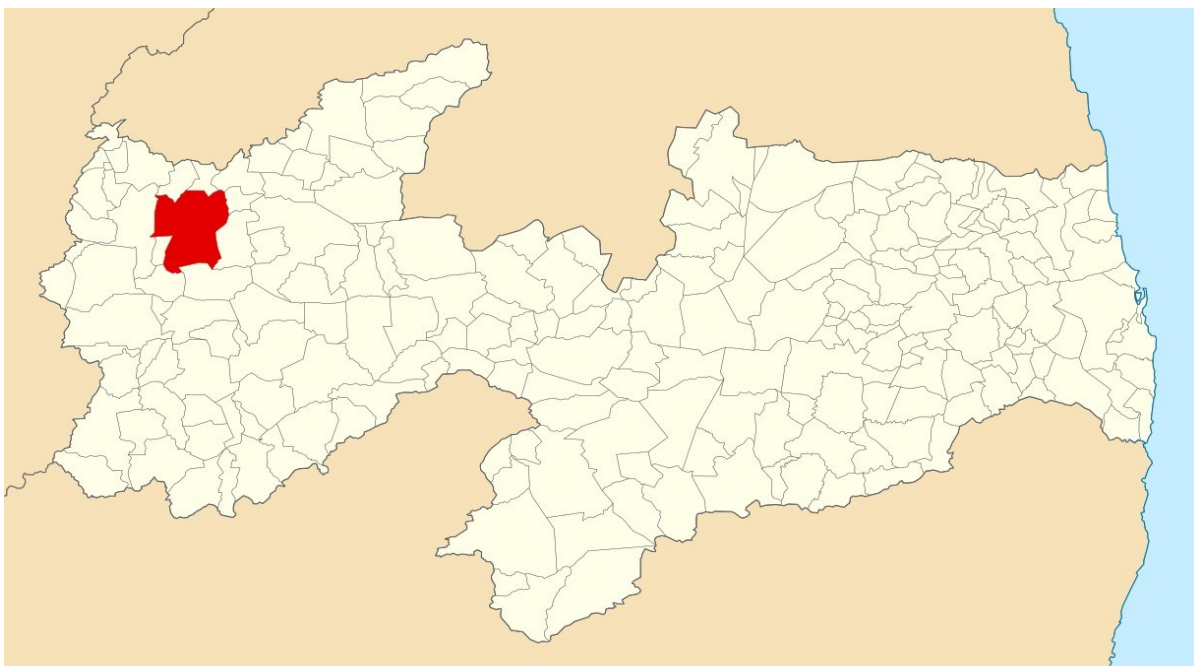
CAPÍTULO 3

Comunidade cigana: Resistência e Identidade na vida nômade

Sousa é um município do estado da Paraíba, que possui uma área territorial de 728,492 km², e uma população estimada de 67.259 pessoas (IBGE, 2022). O seu território está localizado no alto sertão, e fica à 432 quilômetros da capital estadual João Pessoa.

Vejamos a seguir as Figuras 3 e 4, que permitem a visualização do município de Sousa, no estado da Paraíba, e o mapa da sede do município.

MAPA - 3 Localização do município de Sousa no estado da Paraíba.



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/4c/Brazil_Paraíba_Sousa_location_map.svg/1222px-Brazil_Paraíba_Sousa_location_map.svg.png (2023).

MAPA - 4 Sede do município de Sousa-PB.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sousa_%28Para%C3%ADba%29#/map/0 (2023).

As áreas da comunidade cigana podem ser visualizadas através da imagem abaixo, por meio de um mapeamento produzido pela CEHAP, contido no **Inquérito Civil nº 1.24.002.000443/2017-40**.

MAPA-5 Áreas destacadas da comunidade cigana em Sousa-PB.



Fonte: Documento produzido pela CEHAP-PB.

A cidade de Sousa, possui uma comunidade cigana, que é o resultado do pós-nomadismo dos ciganos da etnia Calon, sedentários a mais de 40 anos. A área da comunidade, já era tradicionalmente ocupada pelos ciganos, de forma temporária desde a década de 1970, muito embora as famílias tenham fixado suas moradas definitivas a partir de 1982.

Esta comunidade também recebeu a denominação de Rancho dos Ciganos. A área foi batizada assim, porque os primeiros ciganos ‘arranchavam’ com frequência no seu espaço, e faziam alguns deslocamentos habitacionais dentro dele (A sua citação, faz referência a todo o espaço da comunidade). A medida que os grupos foram chegando e o tempo passando, outras denominações locais foram usadas para diferenciar nominalmente a divisão dos espaços.

O Rancho de Cima, foi denominado assim, para fazer referência a uma das partes da comunidade cigana concentrada em um terreno elevado, e Rancho de Baixo é para especificar o arranchamento dos ciganos que chegaram a posteriori, em um terreno baixo, ou seja, cada parte do Rancho dos Ciganos, tem a sua denominação local, específica, que foi agregada com o tempo.

Muito antes da comunidade ser formada, já existia um espaço localmente conhecido como Várzea das Almas, os Ranchos de Cima e de Baixo, foram instalados nas laterais deste setor, que residia pessoas não ciganas, com famílias independentes, (informais) e sem ligação

alguma com os grupos da etnia Calon. Ambos são situados no bairro Jardim Sorrilândia III, que na época, era uma região em formação, pouco desenvolvida e localizada fora dos limites da cidade.

Antes da sedentarização, a cidade de Sousa já era cortada pela BR 230, e existia de um lado, os bairros desenvolvidos, juntamente com o centro municipal, e grande parte dos estabelecimentos comerciais da cidade, as igrejas, a prefeitura e os clubes de lazer, e do outro lado o antigo lixão do município (ativo na época) e um enorme campo coberto de mato, conhecido como Campo da Viação, que serviu como habitação para os ciganos de Sousa, ou seja, o Rancho dos Ciganos foi instalado longe da cidade.

Em seu nomadismo, os arranchamentos dos Calon eram comuns em Sousa, e ocorriam em períodos de curta duração, desde a década de 1940, vindos dos estados limitados (RN, CE e PE) e de outras regiões da Paraíba. A permanência dos ciganos Calon nômades no território sousense, geralmente durava um período de até 6 meses. Já em outras localidades visitadas, a estadia dos ciganos não passava de um ou no máximo dois meses, segundo os próprios ciganos que viveram aquela época. Isto, dependia da situação de acolhimento.

Na origem, poucas décadas antes da fixação definitiva, os chefes ciganos migravam para Sousa, pois a tinham como ‘ponto base’, e faziam morada com frequência no seu entorno, juntamente com os demais ciganos do grupo, e deste modo, usavam a cidade como ponto de referência das suas rotas, enquanto nômades. Era de costume, que no território sousense, os ciganos confraternizassem em datas ou eventos festivos, como nas eleições e nos períodos natalinos.

Quando refletimos sobre a situação dos Calon naquela época, ao imaginar que ‘somente’ Sousa ‘seria capaz’ de acolhe-los, devemos ressaltar aqui, que o estabelecimento das etnias ciganas, tanto no Brasil quanto na Europa, ao longo do processo social e histórico, assumiu contornos diferentes, variando a partir do local e do cenário (MEDEIROS; BATISTA, 2019). A partir do momento que refletimos as etnias ciganas, algumas questões devem ser postas, para expressar a condição destes povos na época. A presença dos ciganos na região de Sousa, levava a reação de queixas e desconforto social, em tê-los por perto. As suas relações com os não ciganos, eram a contragosto da população sousense e regional, ou seja, prevalecia o discurso do anticiganismo.

Neste cenário de poucas aproximações entre ciganos e não ciganos, foi possível o processo de relações de reciprocidade para o estabelecimento de vínculos com os lugares pelos quais passaram, sendo Sousa um lugar preferencial, pelo qual os ciganos traçavam suas rotas. Neste sentido, a fixação dos Calon na cidade de Sousa, foi idealizada décadas antes da sua

conclusão definitiva, e ocorreu dentro de um processo de relações, articulado entre os chefes ciganos, juntamente com as autoridades locais.

Segundo Jéssica Cunha de Medeiros e Maria Patrícia Lopes Goldfarb (2004), havia uma relação política entre ciganos e os coronéis da época que funcionava para favorecer ambas as partes:

Nos foi evidente a relação política (coronelismo) que existia entre os ciganos e os “coronéis” dessa época, que funcionava como uma das formas eficientes de obtenção de favores por ambos, e que é reconhecido pelos ciganos, onde afirmam que obtinham benefícios em troca de favores prestados aos “coronéis” (MEDEIROS;GOLDFARB, 2004, p. 12).

Podemos perceber, que as autoras nos apresentam a existência de uma negociação nas relações entre os ciganos e autoridades locais, reconhecida, com a intenção de obter benefícios para suprir necessidades , ou seja, dentro da amizade dos envolvidos, existia uma cordialidade cujo objetivo era a troca de favores, em benefício das partes. Como ocorreu historicamente no Brasil, e mais precisamente no Nordeste, e no seu sertão, a busca pelo poder foi uma pratica muito frequente, que alimentou ‘velhas condutas’ culturais, impossibilitando o avanço democrático e humano. Quando fatos desta natureza ocorriam, as únicas vítimas nestes acontecimentos, geralmente, era a grande população, refém e dominada por mecanismos comuns do coronelismo, sem propostas eficazes, e um suporte mais concreto.

Podemos refletir, que dentro de um cenário escasso de ‘portas abertas’, figuras políticas dominantes, não correspondiam na mesma proporção ‘imaginada’ pelos receptores para soluções dos seus problemas. Prevalecia então, a impressão de um ‘protetor verdadeiro’, que ouvia seus ‘amigos’ e os atendia no que fosse necessário. Na pratica, o dominante garantia seus interesses pessoais, e não se fazia presente na questão cigana, como de fato deveria acontecer.

A presença dos coronéis nas relações sociais, faz ligação com os cenários históricos, e reflete nas oligarquias situadas no Nordeste brasileiro, isso também apresenta o domínio das elites locais, denominadas oligarcas. Ao longo da história, coronelismo e política sempre agiram entrelaçados, e nesta realidade das grandes secas, da miséria e da fome, os seus respectivos papeis agiam para a conservação do poder e o fortalecimento dos ‘esquemas clientelistas’ tão presentes no cenário da vida sertaneja dos períodos históricos (SIQUEIRA, 2012, p. 110).

Precisamos observar que buscar o ‘apoio’ político na época dos ‘grandes coronéis’ e dos ‘momentos de escassez’, foi uma forma de resistência da etnia Calon, já que chegando ao Sertão, cada um procurava o seu ponto de ajuda para sobreviver.

Ainda sobre o assunto, Medeiros e Goldfarb (2004, p. 12), citam que:

Em Sousa, portanto, assim como em outras cidades da Paraíba, as relações que os chefes dos grupos ciganos mantinham e mantêm baseadas muitas vezes em relações políticas com pessoas de influência na cidade, sejam elas nomeadas enquanto coronéis, políticos, fazendeiros e grandes comerciantes. Onde se negociavam sua estadia ou moradia na cidade por meio do chefe do grupo dos ciganos e a sociedade envolvente (que se resume por pessoas de destaque financeiro).

Quando os ciganos chegavam em alguma localidade, era comum ou não, que o chefe realizasse a sua comunicação com as autoridades (prefeito, juiz de Direito, delegado, coronéis, etc), isto dependia da ocasião. Quando os contatos aconteciam, eram negociados por meio do chefe do grupo dos ciganos e a sociedade envolvente (que se resumia por pessoas de destaque político ou financeiro) a estadia ou moradia na cidade ou localidade (que poderia ser em sítio ou fazenda).

No momento em que havia a autorização para a estadia dos grupos ciganos, era comum o surgimento de uma sustentação e uma aliança entre autoridades e grupos. Esta relação poderia ser desfeita, caso houve uma lesão no trato. Citamos novamente Jéssica de Medeiros e Maria Patrícia Lopes Goldfarb (2004):

Concedida a estadia para estes ciganos, estabelecia-se um apoio e uma aliança formada pelas autoridades e grupo, de forma que a expulsão só aconteceria caso o trato fosse quebrado, e que poderia ser algum problema que os ciganos pudessem ter causado na cidade ou mesmo para a autoridade do local, tendo assim que expulsá-los. Muitas vezes estes ciganos traziam consigo cartas de recomendação.

É importante citarmos que nos arranchamentos ao redor de Sousa, existia um limite mínimo, imposto pelas autoridades, como um controle, para que os ciganos pudessem ‘abancar’ (armar suas tendas). Dentro destas regras, o mais próximo que os ciganos poderiam ficar da sede do município variava entre um e três quilômetros.

Para fazer algumas construções do passado, foi necessário recorremos a história oral, e contar com o auxílio dos ciganos da etnia Calon de Sousa-PB, pois vivenciaram diretamente ou ouviram sobre a vida nômade da comunidade. Sabemos que os entrevistados possuem informações importantes sobre a vida nômade do seu grupo, porém, é importante relatar que mesmo tentando refazer a trajetória histórica dos ciganos, antes do sedentarismo, não será possível trazermos de volta tudo que ocorreu no passado, isto é impossível. Entretanto, as suas experiências no ‘tempo de atrás’ como costumeiramente falam ao fazerem referência ao passado, enriquecem o nosso trabalho, e isso para nós pesquisadores, é extremamente satisfatório. Todo o conteúdo dos relatos encontra-se presente no anexo desta pesquisa.

Quando ouvimos a trajetória de vida das pessoas da etnia Calon antes dos sedentarismos de 1982, foi nítido que aquelas pessoas passaram por momentos de isolamento social. De acordo

com o depoimento do cigano da etnia Calon António Pedro Neves (2016):

Chegava-se aqui em Sousa, ou ao redor de Sousa, a distância a contar de no mínimo o mais próximo que a gente poderia “botar, se abancar”, armar nossas tendas como é chamado. Porque nos chamava barraca, mais o povo chama tenda. O mais próximo de Sousa que nos podia se bancar era um quilometro, ou mais afastado. Era o mais próximo um quilometro ou dois. Até três quilômetros, que nos distancia meia légua. Nos contava meia légua.

Continua

Nos abancava dali, ia ao chefe mais dois representantes, chefes pai de família que ajudava o chefe iam pra o centro da cidade. Chegando iam ao delegado que era de praxe o delegado da cidade. Ia o chefe político, que já tinha o conhecimento. O chefe político chegava lá e conversava “não vá lá no delegado diga a ele, pegava uma carta, uma escrita, vá lá no delegado. Porque nessa época não tinha muito telefone né. Olha a escrita aí. O delegado falava “não, o senhor pode ficar aí, tá por conta de doutor fulano, ou delegado, ou prefeito tal”. Então a gente ficava.

O chefe, juntamente com outros chefes de famílias, compareciam até o centro da cidade para conversarem com o delegado. Antes, iam ao político, que já os conheciam e mantinham as relações de afinidade citadas anteriormente. Ao chegarem para tratar dos assuntos do seu interesse, os ciganos recebiam do político uma escrita com recomendações de finalidades do bando naquele território, e eram orientados a irem até o delegado local, portando este objeto (papel). Com isto, o delegado, autorizava a presença dos Calon, por conta de quem os recomendavam.

Era comum que na trajetória dos ciganos em Sousa, enquanto nômades, o uso de uma ‘carta de recomendação’, para que fossem ‘bem acolhidos’. As cartas de recomendação, eram portadas e utilizadas pelos ciganos, como ferramenta para comprovar suas boas intenções e o caráter do grupo também, assim como, para evitar possíveis problemas. As cartas de recomendações, serviam para a abertura de caminhos sociais, econômicos e também culturais daqueles povos.

Nestas visitas as localidades de Sousa e região, os ciganos sobreviviam através da ‘barganha do negócio’ (lucro no negócio). Muitos ciganos se dedicavam ao comercio informal com atividades de troca, venda de animais (os homens), quiromancia e buena dicha (as mulheres). Alguns homens ciganos, praticavam a mendicância também, porém essa ação, era resumida aos indivíduos mais velhos daquele grupo. O cigano calon Antônio Pedro Neves (2016), nos informa que:

Antes era através da baganha do negócio. Troca, compra, venda de animais, lida de mão, corte de baralho...quiromancia que é a buena dicha. Tinha vários meios de sobrevivência. Caça...pesca. Nois pesca de mão, mão limpa assim o. Nois mergulha e vai buscar o peixe, traz dois...três peixe pra fora d’agua. E o mais importante, antes

de nois tirar o peixe de dentro d'agua, nois fala que peixe é nois pegamos, sem ver o peixe. Piranhas nesse rio do peixe ali, nois somos acostumados a pegar piranha da preta grande com um quilo...um quilo e meio. De mão. Sem galão, sem tarrafa, sem rede nenhuma. Só com a própria mão limpa.

Como é perceptível no depoimento do entrevistado, outras atividades foram possíveis, e faziam parte dos meios de sobrevivência dos ciganos Calon. Era comum também, que durante o trajeto de uma localidade para outra, houvesse a pratica de negociações rentáveis, sempre com a orientação dos chefes dos grupos. As práticas de comercio ambulante dos ciganos Calon eram comuns nas regiões que englobam o município de Sousa. As suas ações de negócio, atingiam outras fronteiras, a exemplo dos municípios do Lastro, São José da Lagoa Tapada, Aparecida, São Francisco, Santa Cruz e até Cajazeiras. Igualmente eles praticavam essa atividade rentável em outros estados como Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte. Sobre isto, Antônio Pedro Neves (2016) diz que:

Os ciganos viviam de arriba mento. Saíam hoje daqui, iam pra outra cidade e no meio desse transporte iam negociando naquele locais, naquelas localidades sítios, em casas que existiam na época. Ia “angariando” o pão através de troca, buenadicha, varias...troca de animais, lida de mão. Essas coisas. E sobre tudo também ia sempre com a orientação daqueles que se dizia comandantes, os chefes, os grupo.

Continua

Se juntava ali ao redor quando chegavam numa localidade, tava abancado ali, arranchado como a gente chamava, a noite ao cair da noite 6 horas, mais ou menos 7 horas, tinha uma fogueira, uma claridadezinha qualquer. Sentava ali ao redor do chefe e iam tumar atitude, tudo junto em coletividade. Pra que...pra onde, que rumo tumava, o que era que diviam fazer amanhã, quem tava com uma precisão qualquer expunha, butava ali expondo ao conhecimento dos outros, pra que todos que se reunisse ali tentasse ou que resolvesse o problema daquele que tava com o maior problema.

A trajetória dos Calon, passava antes de tudo pela orientação do chefe do bando, que traçava os caminhos, e os orientava coletivamente, geralmente a noite, durante um período de descanso, e nos arranchamentos. Este momento de reunião, servia também como uma oportunidade para que todos os presentes expressassem suas necessidades e problemas ao conhecimento dos outros, para que surgissem possíveis soluções. Antônio Pedro, conta ainda que a organização do grupo ocorria através da coletividade, contudo, o chefe responsável por todos, ditava as regras que levavam a atitude dos demais membros, e que precisavam ser seguidas, para evitar consequentes punições. Segundo Antônio Pedro Neves (2016):

Ele citava as regras, nois tomava atitude através dele. “Amanhã nois vamo pra tal ponto, fulano vaio fazer isso, eu vou fazer isso, isso assim....assim assim, vai ser desse jeito assim assim. Não quero que faça isso, não posso deixar fazer isso. E ele citava as regras e, a agente tinha que obedecer. Ou obedecia, ou então ele expulsava daquele bando, entende. Era dessa forma. A convivência e a organização.

Durante os arranchamentos, era comum um período de diversão entre os ciganos. As brincadeiras variavam entre danças, músicas suaves, e toque de violão. Nesta época, quando todos já estavam no rancho, no período da noite, os ciganos faziam uma fogueira, e sentavam ao redor dela para cantar, dançar e tocar violão.

Existia um pensamento de união dentro dos ciganos Calon. Esta ideologia era voltada para a coletividade do próprio grupo:

Toda vida toda vida. Tinha mais harmonia! Eles juntos era de uma forma, que o cigano quando ele arranjava, nois chamava um bicho de sangue, que era uma cabra, um bode, uma ovelha um porco. Tinha uma turma num acampamento de 10...20. até 30 rancho, barracas, tendas. Arrumava ali dois três bichos, o cigano apanhava em um negócio, ou comprava mesmo, matava aqueles bichos, imediatamente contava quantas famílias tinha e dividia em partes iguais pra cada família. Cada uma tinha seu pedaço (NEVES,2016).

O uso do dialeto estava presente na vida nômade dos ciganos Calon. Porém, dependia da ocasião, como podemos observar nos fala do entrevistado Francisco de Assis (2016):

Assim, nos se comunicava assim, nos tava aqui entre nos, nos falava normal aqui. Mas quando chegava uma pessoa ai nos falava na nossa língua né. Ai nos falava. Se quisesse lhe elogiar nos elogiava. Não quisesse nos lhe acabava ai todos ficava sabendo que você não prestava. Nos chegava pra ele e dizia que você não prestava, que você era valente, era bebendo cachaça...ai pronto. Ai nos num dizia assim dizia na nossa linguagem.

A respeito deste assunto, o entrevistado Antônio Pedro Neves (2016) diz que:

Só entre nois era normal, era normal. Em português como nois tamo falando. Mais quando vinha um não cigano pra aparecia um não cigano ali no meio que nois não queria que ele soubesse o que nois tava falando, nois passava para o nosso idioma rapidinho.

Como podemos perceber na fala dos entrevistados, o dialeto específico deles é um mecanismo de defesa contra a presença de pessoas desconhecidas, vindas de outros ambientes diferentes.

As vestimentas dos ciganos na época nômade, eram trajes normais. Os Homens, sempre usavam tecidos leves e frios na época ensolarada. Muitos gostavam de usar uma manga comprida, com um pano fino, e a maioria vestia o linho. Já as mulheres tinham vários tecidos, como o linho e o algodão. Porque segundo Antônio Pedro Neves (2016), naquela época era os tecidos que mais existiam a baixo custo.

Até aqui, vimos e refletimos sobre o coronelismo e a elite oligarca que antes liderava e praticava o poder local, entendendo como estas autoridades economicamente bem sucedidos, lidavam com os problemas sociais dos ciganos. Sobre este assunto, era comum a existência dentro do cenário paraibano, a conservação dos poderes locais, por intermédio das estratégias

adotadas pelas famílias.

Como Sousa era considerada uma localidade segura e de apoio para esta etnia, as relações dos chefes dos grupos ciganos continuaram a ser mantidas e evoluíam a depender de cada época. Um dos principais responsáveis pela evolução destas relações dentro do processo já iniciado, foi o político e prefeito (depois Deputado Federal, Senador e Governador da PB) da cidade de Sousa (na época de 1963 à 1969), Antônio Marques da Silva Mariz. Na história política de Sousa - PB, foi possível o surgimento de novos elementos dentro da sua narrativa. A partir da figura de Antônio Mariz, já durante a década de 1960, foi possível o nascimento do político solidário.

Antônio Mariz, era descendente das famílias Marques e Mariz, tradicionalmente conhecida no poder político no Estado da Paraíba. Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano (2011), nos ajuda a entender a importância do sobrenome familiar. O sobrenome funcionava como uma projeção de honra familiar, como um pré requisito político e como um sinônimo de status social. Os sobrenomes serviam para fixar as redes ou os ramos familiares, criando assim uma referência extensa destes grupos (MARIANO, 2011, p.15). A autora, nos apresenta que o sobrenome tem relação com estratégias das elites regionais e a política paraibana, para a sobrevivência da cultura do poder das grandes famílias locais.

O comportamento das redes familiares (tradicionais) na Paraíba são observadas por Mariano (2011), por atuarem desde o império nos poderes locais, se manterem intactas até hoje, ao usarem seus laços sanguíneos e o matrimônio, dentro de alianças para a continuidade dos seus poderes. De acordo com a autora, essas práticas de união e formação de redes familiares se desenvolveram a partir do século XVIII, e tornaram-se mais comuns no decorrer do século XIX.

Dentro dessa perspectiva de relações de poder dos grande políticos, no período de 1825 até a década de 1840, a autora observa que esta parte complexa da história política da redes familiares na Paraíba, consequentemente levou a uma cultura, mantida até os dias atuais, alimentada pelo jogo político e suas relações com o poder local e central.

A ocupação e circulação dos cargos públicos, por exemplo, é uma operação fundamental, segundo Mariano (2011), para compreendermos a cultura política de uma época. Estudar o ambiente histórico das redes familiares, e suas conexões políticas com as elites regionais no Brasil oitocentista, é um dos caminhos para compreensão tanto dos embates, quanto das negociações na política e administração das províncias, observando suas mudanças e continuidade com a criação dos novos aparatos institucionais, ainda no período imperial.

A ocupação e a conquista dos grupos locais e suas conexões com os espaços político-

institucional e o governo central, na província da Paraíba, foram montadas como um ‘negócio de família’ que garantiu as bases dessa organização nas capitâneas.

Ainda sobre o assunto, estas práticas de ‘negócio de família’ segundo Mariano (2011), eram articulações como ‘laços matrimoniais’ para darem suporte e espaços aos poderes locais. Este sistema, na prática, fortalecia o poder, por meio das relações, que garantiam, com isto, uma ‘linhagem de prestígio’.

Segundo Mariano (2011), era frequente a existência de famílias, que no início, ocupavam atividades específicas, todavia, logo diversificavam seus empreendimentos econômicos. Geralmente, essas famílias tinham como chefes, homens donos de engenho e grandes propriedades de terra. No caso do sertão, tinham como principal atividade a criação de gado e a produção algodoeira.

Ao falar sobre a família, Mariano (2011), mostra que a instituição familiar se transforma gradativamente e lentamente nas práticas sociais, e que antes, era vista como uma unidade básica da ordem política, mas, no seu trabalho, a autora apresenta que a família é uma unidade institucional e social, baseada em laços de sangue e matrimônio, dentro de alianças entre os grandes proprietários de terra, efetivamente ocorridas por meio do casamento ou herança, e a riqueza era um forte requisito para sua fusão.

Um dos meios estratégicos para a ampliação dos poderes, era a união dos membros importantes de famílias da elite local. Isto funcionava para o fortalecimento desses núcleos familiares. Mariano (2011) portanto, afirma que era comum, que famílias residentes nas vilas e cidades do interior, detentoras de ‘tradição digna e prestígio’ apresentassem seu poder político e econômico a partir de sua descendência na rede familiar. Tais atos, foram práticas constantes na sociedade colonial e imperial na Paraíba.

É importante citarmos, que a partir dos anos de 1970, ocorreu a ampliação dos estudos da história política, antes vista, pensada e relatada pelas grandes figuras dominantes, que a mancharam negativamente, contudo, após a contribuição historiográfica de outras disciplinas (Antropologia, Sociologia e Psicologia) foi possível uma ampliação da história política, e a possibilidade de novas abordagens que objetivam analisar as famílias, os partidos, os eleitores, etc. E assim, a política passou a ser pensada como o lugar de articulação entre o social e sua representação (MARIANO, 2011, p.18).

Ao refletirmos sobre hoje, é comum que pesquisadores, abordem sobre políticos que durante a sua vida pública, tenham dado um olhar diferenciado para o ‘povão’, para as ações sociais, grupos minoritários e excluídos socialmente, mesmo que isto tenha ocorrido em uma época incomum ao domínio das ideologias tradicionais e das velhas práticas de poder tão

faladas até aqui.

Francisca Salete de Sousa (2015), fez um importante trabalho, que relata, entre outros aspectos, o homem público Antônio Marques da Silva Mariz. Para compreendermos um pouco sobre a vida e atuação política de Mariz, recorremos a obra de Sousa (2015). A autora fez um estudo biográfico abordando a atuação política de Antônio Marques da Silva Mariz (1937-1995), buscando entender como a sua imagem pública foi heroicizada e transformada em um mito político pelos cidadãos sousenses ao longo tempo. Bem como, procura-se entender o contexto político e social da cidade de Sousa - PB, onde ele iniciou sua trajetória política.

Buscamos de início traçar esse cenário geral da política da cidade de Sousa - PB na época da candidatura de Mariz a prefeito da cidade. Quando Antônio Mariz retornou para a Paraíba, depois de concluir o curso de Direito, para rever os familiares e dar início à atuação no exercício da advocacia, inscreveu-se para o concurso de promotor de justiça no vizinho Estado do Rio Grande do Norte, e conseguiu a aprovação em primeiro lugar, para atuar na comarca da cidade de Martins, interior do estado. Com aspirações políticas e vontade de estar perto da Paraíba, Mariz fez novamente um concurso público para promotor de justiça em 1962, classificando-se na primeira colocação, desta vez, para a cidade de Anthenor Navarro (atual São João do Rio do Peixe), próximo à Sousa (SOUSA, 2015, p. 29).

Segundo informações contidas na obra de Sousa (2015), antes da chegada de Mariz na política de Sousa, o grupo Gadelha, comandado pelos irmãos Zabilo (André Avelino), José e Clotário, eram os dominantes locais, responsáveis pela escolha dos prefeitos, faziam parte de uma poderosa família de usineiros e se revezavam há trinta anos no poder. No ano de 1963, Mariz, aos 25 anos de idade, candidatou-se ao cargo de prefeito da cidade de Sousa pelo (PTB), comandado pelo ex-deputado estadual Manuel Gonçalves, contra o candidato do médico Laércio Pires (PSD).

No seu discurso, Mariz apresentava uma ideologia política diferente do pensamento existente na época, pois a sua narrativa era mais populista, com evidentes ‘anseios ao povo’, não apenas como seu representante, mas como parte dele (SOUSA, 2015, p. 41).

Em uma das muitas entrevistas contidas no trabalho de Sousa (2015, p. 41), é possível observar que o discurso de Antônio Mariz, era aberto ao olhar solidário:

O Sr. Dedé Job destaca sobre o espírito solidário de Antônio Mariz: ‘Numa festa onde tinha um banquete, ele (Antônio Mariz) dizia no curso do seu discurso, haverá época que o filho do vaqueiro também pudesse ser doutor, isso foi uma revolução, porque ele disse isso, nessa época de 1963-1964.’

Ao analisar a entrevista exposto pela autora, observamos que Mariz, ao ser promovido

a candidato e depois prefeito da cidade, derrubou as velhas práticas dos grupos poderosos que seriam até então, os responsáveis pelo atraso social, e conseguiu, com isso, encantar a maior parte da população.

Sousa (2015), nos apresenta ainda, que no início da campanha, Antônio Mariz precisou articular de forma intensa, a sua imagem de administrador atento aos princípios locais, e preocupado com o dia a dia dos eleitores e correligionários. A candidatura de Mariz representou uma revolução, e a sua vitória foi uma ameaça aos interesses dos políticos locais, antes donos do poder.

Antônio Mariz venceu as eleições de 1963 por uma pequena diferença de apenas dez votos. Foram 3.876 ao seu favor, e 3.866 votos do candidato opositor Felinto da Costa Gadelha (conhecido como Tozinho Gadelha). Nesta época, a eleição não elegia uma chapa com prefeito e vice-prefeito, com os mesmos votos. O candidato a vice José Vieira Figueiredo, (PTB), não conseguiu êxito na disputa eleitoral, e alcançou 3.391 votos nas urnas, contra 4.145 do candidato à vice Geraldo Abrantes Sarmento (UDN).

O político com pensamentos modernos e ideologias direcionadas ao social, foi o que percebemos na figura pública de Mariz, pois, os seus ‘recursos’, estavam justamente nos seus discursos, que o asseguravam como o ‘homem que defendia o pobre’. Com isso, Mariz conseguiu o apoio da massa populacional, que se sentia refém das velhas práticas (Cultura das Redes Familiares na Paraíba).

Citando ainda Sousa (2015), percebemos que a autora nos mostra que a figura política de Antônio Mariz, usou estratégias para conquistar as pessoas, ao usar estas ferramentas em pleno ano de 1963, e com isso, se destacou pela honestidade, transparência, e inclusão social das minorias, já que eram atitudes não vistas até então pela população local. A autora então, nos apresenta uma nova história política em Sousa, com um político moderno e diferenciado, ainda na década de 60 do século passado.

Concordamos com Sousa (2015), quando ela aponta que devemos observar que, dentro de todos os discursos dos agentes políticos, era de costume o direcionamento aos grupos desfavorecidos, e que, em geral, estes eram grupos alvos de estratégias nas eleições. Com isso, pode-se observar, de acordo com a autora, que um discurso político é fundamentado nas emoções e nos sentimentos para alcançar os seus objetivos, e às vezes, é deixado de lado a racionalidade.

Após assumir a prefeitura aos 26 anos de idade e durante a sua vida pública, Antônio Mariz colocou em prática o acolhimento aos grupos minoritários e deu ‘direitos aos ciganos’ como a possibilidade de terem documentos, ajudando os grupos Calons de Sousa a terem

identidade, título de eleitor e nome registrado. Este, sempre foi considerado ‘um amigo’, e segundo os próprios ciganos ‘abriu as portas’ do município para eles. O político era tido pela etnia Calon, como um grande ‘protetor’, visto que, garantia o direito deles.

Entre líderes políticos locais, como o então deputado federal Antônio Mariz, foi possível articulações com os chefes ciganos a respeito da parada para morar. As áreas onde residem os grupos ciganos foram parcialmente doadas por políticos locais, e o andamento e a garantia da permanência deles nas cercanias do município de Sousa foram acompanhadas pelo político Antônio Mariz. O bom relacionamento estabelecido entre as partes gerou meios de sobrevivência e resistência aos ciganos, tanto para alimentar o grupo quanto contribuir com a necessidade de parar para morar.

A fixação territorial dos ciganos em Sousa, foi possível através de diversos meios. O fato de não encontrarem apoios regionais, também foi determinante para que procurassem os gestores locais. Um outro fator muito importante foi o avanço da tecnologia dentro do sertão. Segundo Antônio Pedro Neves (2016), o momento já não era tão favorável aos ciganos, principalmente nas atividades rentáveis realizadas pelo grupo:

Veja só. Eu sempre me perguntei isso, ao longo desses muitos e muitos anos, eu me perguntei. Veja ao passar do longo dos tempos, quando nois vínhamos para se fixar mesmo, como sedentários em Sousa. As coisas já não eram mais como agente pensava. Quer dizer, a tecnologia já tava invadindo o nosso sertão, de maneira que não tinha mais como nois se sair dela. Tinha que se adaptar a tecnologia. ‘Motas’, carros, invadindo aos ‘monti’. E o que tava acontecendo? Aqueles animais que serviam de transporte, eram diretamente os meios de transporte pra todo mundo, e de trabalho, não só pra trocar, mais pra trabalho também. Seja na roça ou na agricultura, tava, se vendo ele em extinção. Burro, cavalo, jumento.

Continua

Começou daquela época, da faixa etária de 85 à 86 , pra cá. Ai foi, aonde nois vendo a dificuldade do dia a dia, os mais velhos não podendo mais acompanhar o ritmo do mais novo. E o mais novo perdendo o interesse pela vida nômade. Por causa das dificuldades que eles encontravam. Não tinha homem de fibra, como nois eramos. Então o que aconteceu: Findou amofinando como eu digo sempre, costume a dizer. E se obrigando, se acovardando, se obrigando a morar. A infiltração do não cigano. Ai foi de onde começou cigana namorando e casando com o não cigano. E agrupando-se mais, cada vez mais.

Chegou um momento em que o sedentarismo foi inevitável de acordo com o entrevistado. Na fala de Antônio Pedro Neves, é perceptível que os problemas no grupo, o capitalismo, o avanço da tecnologia e a escassez nas atividades rentáveis, passaram a agravar a vida nômade dos ciganos.

As dificuldades do dia a dia, contribuíram para a sedentarização dos ciganos, pois o tempo estava passado para os mais velhos do grupo, e isso trabalhava de forma contrária ao

deslocamento de localidade em localidade da etnia. O interesse dos mais jovens foi um outro fator, visto que, os tempos eram outros, e a interação com o não cigano já estava presente, e era mais constante do que antes. A providência divina também aproximou os ciganos de Sousa, e foi um outro motivo para a fixação: Segundo Antônio Pedro Neves (2016):

Porque já era, mesmo sem eles ter na noção que aquilo tava existindo, já era premeditado os mandamentos de Deus. Eu lhe digo com certeza! Veja só, os avós deles, os bisavós deles, e talvez como nois chamamos os tataravós deles, que foram os primeiros nômades a transitar em Sousa.

Francisco de Assis (2016), nos apresenta uma versão complementar sobre este assunto. Segundo o entrevistado:

[...] é uma história muito longa. É uma história refletindo os ciganos, ninguém sabe, eu não sei nem dizer a você como foi essa conversa. Porque é o seguinte: Os cigano tava uns em Pau Dos Ferros, outro em Antenor e, outros, Pedro Maia em Aparecida. Ai divido a Pedro Maia já tava ficando velho, ai veio pra aqui pra Sousa em 82...veio aqui pra Sousa.

Continua

Ai naquele tempo tinha os Oliveira, os Gadelha, tinha aqueles poderosos de Sousa né...Antônio Mariz, Gilberto Sarmento, essas pessoas.ele foi na Cagepa e botou água encanada ali onde eles arranchava. Ai foram se habituando. Ai eles pra ficar mais colocado que faz muito anos que ele mexe em Sousa, ai ficaram morando, ficaram fazendo as casinhas. Ai os de Pau dos Ferros vinheram pra cá...coremas vinheram pra cá. Porque desde de 61 que cigano “vevi” em Sousa. Desde 60 que vota em Sousa.

O entrevistado relata não saber ao certo sobre o teor da conversa para a fixação dos ciganos em Sousa, porém, no seu entendimento, os problemas relacionados ao envelhecimento do chefe foram possíveis, entretanto, articulações políticas também foram responsáveis para a moradia dos grupos ciganos.

É interessante ressaltar, que características próprias do nomadismo, ainda foram conservadas, mesmo com o processo de sedentarização tendo sido iniciado em Sousa na década de 80 do século passado. Segundo Francisco de Assis (2016):

[...] tem deles que no começo quando começaram a fazer casa de taipa, que não podia fazer casa de tijolo, teve deles que sentiram falta da viagem...das coisa que viviam pelo meio do mundo.[...] Ai eles se arrependeram um pouco. Muitos deles se arrependeram porque fizeram isso. Hoje mesmo tem deles que é muito revoltado, queria tá andando...queria tá andando, tem deles que queria tá andando ainda. Eu pelo menos, eu fui um caba que eu passei “inte” 95, eu passei sendo um cigano. Era montado em burro, andando pra todo canto do mundo.

O entrevistado Antônio Pedro Neves (2016), diz que:

Muitos queriam voltar, teve deles que ainda deixava a moradia aqui, e andava assim, as cidades ciclo vizinhas aqui. Trocando, comprando, vendendo, lendo mão. Volta, passava um mês...dois, aí voltava Outros pegavam aqui o ônibus, transporte, ia pra João Pessoa, Campina Grande. Pedir, ler mão, trocar lá. Passava um mês...dois, voltava. Mais já não era como antigamente.

Sobre o sedentarismo, e de acordo com as narrativas dos entrevistados, muitos ciganos queriam voltar a vida nômade, por ser algo melhor, por não trazer doenças, e por representar uma liberdade em suas vidas. Precisamos lembrar que esses grupos se reorganizaram diante do sedentarismo ou do sedentarismo parcial, e que transformações ocorreram em suas vidas, todavia, é importante ressaltar, que características próprias do nomadismo ainda foram conservadas.

Nesta parte do trabalho, temos a intenção de mostrar, que foram muitos os fatores que contribuíram para o sedentarismo total ou parcial dos ciganos Calon, em Sousa-PB. E deste modo, faz-se necessário citarmos, que circunstâncias que vão desde as relações entre autoridades locais com os ciganos, até os agravos sociais e grupais, foram respostas encontradas até aqui, dentro dos estudos historiográficos e das narrativas ricas em detalhes dos ciganos Calon que contribuíram para a resposta da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas conclusões desta pesquisa, é preciso e necessário lembrarmos que de início, a nossa intenção foi, antes de tudo, reforçar que não podemos nos direcionar aos povos ciganos, como ‘povo cigano’ achando que uma etnia pode representar todas as outras etnias. Então, queremos consolidar e afirmar que são muitas as etnias ciganas, e não somente uma. Sendo assim, os diversos rótulos negativos, através do discurso de pessoas que nunca conviveram ou ouviram falar deles, mas, faziam questão de repetir falácias históricas sobre a sua origem, cultura, história ou aspectos específicos, precisam ser revistos e combatidos, por meio de informações verdadeiras e educativas, assim como, qualquer preconceito e discriminação.

Afinal, as etnias ciganas, não são a representação do atraso, nem muito menos do negativo. Esses povos representam etnias ricas em cultura e diversidade, sobretudo, são grupos resistentes a processos históricos (desumanos), e que ainda buscam meios de sobrevivências dentro de uma sociedade cristalizada por estereótipos negativos. Assim, eles precisam ser lembrados e respeitados por suas contribuições positivas, sejam elas históricas ou atuais.

Cabe aqui reforçamos que os povos ciganos eram vítimas constantes do anticiganismo, construído pelo olhar de pessoas não ciganas, e que foram classificados por diversos meios, como lendas, passagens bíblicas e outros argumentos místicos, de forma generalizada. A história destas etnias, como apresentamos dentro do nosso trabalho, está marcada, talvez como nenhuma outra, pela experiência em contribuir de forma importante na cultura e na história dos espaços que viveram, mas por carregar em si a marca das perseguições das sociedades dominantes, do nomadismo forçado, das deportações para evitar sua participação social, e das milhares de vidas eliminadas no genocídio, além do desamparo das políticas públicas.

A partir das discussões historiográficas, compreendemos que os elementos construtivos sobre as etnias ciganas, foram criados, forjados e articulados pela sociedade majoritária, e que foram baseados apenas em noções históricas e culturais, para diferencia-los socialmente e torná-los minorias vulneráveis.

Apresentamos também que muitas das representações não se restringiram a trabalhar um só indivíduo, mais sim uma coletividade. Deste modo, concluímos sobre estas questões, que os ciganos foram narrados dentro de um discurso total sobre eles, seguido de ideologias preconcebidas, com falhas, que eram o resultado da falta de conhecimento, e que vinha de uma sociedade considerada hierárquica e não cigana.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível compreendermos a origem destes

povos, e apresentar as diásporas deles por diversas partes da Europa a partir do século XV, e acompanhar o avanço do anticiganismo naquele solo até chegar ao Brasil ainda do século XVI, por meio dos decretos e das deportações do território português. Assim, constatamos que, as políticas sociais no território do Brasil a partir do período colonial e da primeira república, visavam uma identidade nacional, ligada a ideia de modernização, baseada na realidade europeia, porém que, apresentava a intolerância contra as etnias ciganas, por conta das novas ideologias.

Consideramos que a metodologia escolhida para a nossa pesquisa foi suficiente e eficaz na realização dos procedimentos, pois optamos por seguir uma organização de ideias sequenciais, e priorizamos cada parte da pesquisa dividida em capítulos. Desta forma, encontramos a nossa resposta da pesquisa, através da contribuição historiográfica sobre a temática geral dos povos ciganos, da necessidade do uso da bibliografia existente a respeito da etnia Calon de Sousa - PB, por apresentar estudos históricos e antropológicos recentes, e do apoio indispensável da história oral dos ciganos Calon entrevistados, constatamos que a sedentarização dos ciganos Calon deu-se por um processo evolutivo, iniciado com as relações de reciprocidade entre as autoridades locais e os chefes ciganos, porém, os agravantes sociais, as constantes estiagens da seca, o envelhecimento do grupo, a escassez de recursos humanos, o avanço tecnológico que dificultou as práticas específicas, a interação já presente entre ciganos e não ciganos, e as estratégias dos próprios ciganos para sobreviver, foram outros aspectos que contribuíram para o sedentarismo da etnia em solo souseiro a partir de 1982.

Desse modo, o objetivo geral foi alcançado, através da escolha e seleção dos aportes que formaram as citações. Ao escolher cada contribuição teórica e oral, buscamos a melhor contextualização e conceito sobre a abordagem pretendida. A compreensão do problema ocorreu, a partir da importância e da necessidade de um novo olhar sobre as circunstâncias que motivaram a chegada e fixação definitiva dos ciganos da Calon em Sousa, visto que questões do ponto de vista político eram somente levantadas, deixando de lado, as reflexões sobre a sobrevivência e resistência desta etnia.

Verificamos que, cada vez mais, há a necessidade dessa abordagem ser levada a sério nas pesquisas, para combater questões enraizadas, sem embasamento teórico e que não contribuem para a construção de outros trabalhos futuros. Então, podemos concluir que buscamos soluções para a temática proposta, quando não ficamos reféns de uma só visão

sobre o problema da pesquisa e das referências bibliográficas, e, partimos para a prática no campo em busca de meios para complementar as nossas necessidades.

Acreditamos que um trabalho não pode ser visto como ‘raro’ ou ‘inédito’, entretanto, cremos que o seu embasamento possa ser construído com flexibilidade, por meio de propostas que visem auxiliar no árduo processo de uma pesquisa. Esse trabalho não pretende dar respostas definitivas sobre o sedentarismo dos ciganos Calon em Sousa - PB, até porque não conseguiríamos, mas antes de tudo, a nossa intenção foi apontar outros espaços possíveis para mais pesquisas sobre as questões dos ciganos, e que elas tragam consigo muito mais informações e mais revelações sobre a história e historiografia dessas etnias.

Acreditamos, ser sempre possível, a abertura de novas formas de pensar acerca de um mesmo tema, e que isto desenvolve novos caminhos que podem ser trilhados e desenvolvidos, em prol do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma única história**. [s.l], 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuW8>. Acesso em: 8 fev. 2023.
- BAÇAN, Lourivaldo Perez. **Ciganos, os filhos do vento**. [s. l.]: Casa do Mago das Letras: LPB Edições, 1999.
- BORGES, Cristina Medeiros Mattos. **Cidades de Portas Fechadas: A Intolerância Contra os Ciganos na Organização Urbana na Primeira República**, 2007.
- BURKE Peter. **A Escrita a história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CASTRO, Debora Soares. **O olhar de si e o olhar dos outros: Um itinerário através das tradições e da identidade cigana**. Fortaleza: Escola digital de Fortaleza, 2011. Disponível em: <https://escoladigital.sme.fortaleza.ce.gov.br/odas/olhar-de-si-e-o-olhar-dos-outros-um-itinerario-atraves-das-tradicoes-e-da-identidade-cigana>. Acesso em: 9 fev. 2023.
- GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; **Definindo os ciganos: as representações coletivas sobre a população cigana na cidade de Sousa – PB Ariús**, Campina Grande, v. 14, n. 1/2, p. 76–82, jan./dez. 2008.
- GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; OLIVEIRA, Luciana de. (orgs). **Ciganos: olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. 442 p.
- COUTINHO, Cassi Ladi Reis. Perturbadores da Ordem: Os ciganos no Projeto Civilizador da República. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 16, 2014, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Saberes e práticas científicas, 2014. p. 1-16.
- MEDEIROS, Jéssica Cunha de; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Processos de Deslocamento e Mobilidade: Refletindo Experiências Sociais Ciganas, a partir de Sousa Paraíba**. Paraíba: [s. n.], 2004.
- FIGUEIREDO, Francisco Soares (Coronel). **Calon: História e Cultura Cigana**. João Pessoa: Sal da Terra, 2010.
- MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. Culturas políticas, administração e redes familiares na Paraíba (1825-1840). **Saeculum - Revista de História**, João Pessoa, v. 24, [s.p.], 2011.
- MENINI, Natally Chris da Rocha. Do Reino para o ultramar: o degredo dos ciganos no Império Português. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 16, 2014, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Saberes e práticas científicas, 2014, p. 1-10.
- MENINI, Natally Chris da Rocha. **Perseguidos no Reino, Degredados nas Colônias Ultramarinas: Os Ciganos Calónna Legislação Histórica Portuguesa**. In: Brasil. Ministério Público Federal. Câmara de Coordenação e Revisão, 6. Coletânea de artigos: povos

ciganos: direitos e instrumentos para sua defesa / 6ª Câmara de Coordenação e Revisão, Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais. Brasília: MPF, 2020. p. 278-288.

Ministério Público Federal. Procuradoria da república no município de Sousa - PB. **Inquérito Civil nº 1.24.002.000443/2017-40**: ação civil pública de usucapião especial coletivo urbano. Paraíba, 2021.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo**: os ciganos na Europa e no Brasil. Juiz de Fora: Centro de Cultura Cigana, 2008.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo e Políticas Ciganas na Europa e no Brasil**. Recife [s.n.] 2013.

NERY, Inalva Bezerra; NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. Os ciganos e a Exclusão social. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA — PODER, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: 50 ANOS DO GOLPE DE 1964, 16, 2014, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: [s.n.], 2014. p. 912-923.

REZENDE, Dimitri Fazito de Almeida. **Transnacionalismo e Etnicidade**: A Construção Simbólica do Romanesthân (Nação Cigana), 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

ROMANI, Danielle. Cigano: Povo ainda à margem, mas em busca de Legitimação. **Revista Continente**, 13, mar. 2013, p.22-39.

SIQUEIRA, Robson de Araújo. **Os calon do município de Sousa - PB**: Dinâmicas ciganas e transformações culturais. Recife: o autor, 2012.

SOUSA, Francisca Salete de. **A Fabricação de um Político**: História e Memória de Antônio Mariz (Sousa/PB, 1963 - 1969). Cajazeiras: UFCG, 2015.

TEXEIRA, Rodrigo Correa. **Ciganos em Minas Gerais**: uma breve história. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

TEXEIRA, Rodrigo Correa. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

ENTREVISTAS:

- Antônio Pedro Neves, concedida em 5 de maio de 2016 ao autor Luis Francisco de Sousa Júnior, Sousa/PB.
- Francisco de Assis, concedida em 9 de maio de 2016 ao autor Luis Francisco de Sousa Júnior, Sousa/PB.

Sites:

- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Punjab_\(%C3%8Dndia\)#/media/Ficheiro:Punjab_in_India_\(disputed_hatched\).svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Punjab_(%C3%8Dndia)#/media/Ficheiro:Punjab_in_India_(disputed_hatched).svg) (2023).
- PORTAL do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba. Disponível em: <<http://www.tre-pb.gov.br>>.
- <https://almaterapias.com.br/historia-e-origem-do-povo-cigano> (2023).
- <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sousa/panorama>
- https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/4c/Brazil_Paraíba_Sousa_location_map.svg/1222px-Brazil_Paraíba_Sousa_location_map.svg.png
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sousa_\(Paraíba\)#/map/0](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sousa_(Paraíba)#/map/0)

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada **CÍGANOS CALON DA CIDADE DE SOUSA-PB: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA**, que tem como objetivo estudar a vida nômade dos ciganos da etnia Calon sedentários em Sousa-PB, para compreender por que fixaram residência em seu território e não em outros lugares que fizeram parte da sua trajetória. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas, se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Caso decida aceitar o convite, você participará voluntariamente e será submetido a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que os riscos envolvidos com sua participação são mínimos, pois as informações obtidas objetivam o estudo acadêmico, e a sua identidade não será revelada sem o seu consentimento. Por outro lado, os benefícios da pesquisa diante da sua contribuição serão: reconhecimento e citação nominal na pesquisa em curso e contribuição com o possível legado do trabalho.

Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em estudos científicos e congressos, sempre com o seu consentimento.

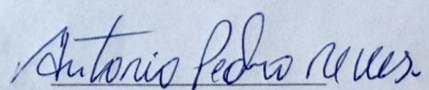
Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Caso você sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através do contato (e-mail: rosilene.alves@professor.ufcg.edu.br) com a orientadora responsável **Dra. Rosilene Alves de Melo**.

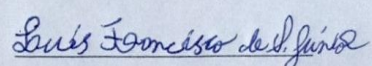
Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o participante da pesquisa e outra para o pesquisador.

Eu Antônio Pedro Alves, tendo sido esclarecido a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 1 de junho de 2023.

Handwritten signature of Antonio Pedro Alves in blue ink.

Assinatura do participante

Handwritten signature of Luis Francisco de S. Junior in blue ink.

Assinatura do pesquisador

ENTREVISTA REALIZADA

Antônio Pedro Neves

Idade: 46 Anos

Data da entrevista: 5 de maio de 2016

Perguntas

1. Qual o seu nome?

“Antônio Pedro Neves”.

2. Você pode contar um pouco da sua História?

“Sem dúvida. Sou um cigano, filho de cigano. Legítimo cigano Calon, denominado da família Quixabeira. Sou um cigano sertão, nasci e me criei no sertão, até hoje prevaleço no sertão. Tenho 46 anos de idade.

3. Como era a vida ante de vocês virem para cá?

Olha: A vida nunca foi fácil. Se eu disser pra você que foi fácil não foi. Tinha época que nos andava até as 12 horas da noite. Rompia saia de 7, de 6 horas da manhã...5 da manhã, e rompia até 12 horas da noite. “Por respeito ao povo”, chegava-se numa propriedade...num local, pedia um “arrancho”, mesmo por poucas horas até fazer uma comida pra uma criança, descansar um animal um pouco, “tomar um tempo” pra descansar um pouco né, daquela viagem. Mas o povo “não deixava” e agente por “respeito ao povo” não parava e considerava que o povo não aceitava e saia andava até 12 horas da noite pelo mundo. Saia de 5 da manhã. As vezes tinha gente que só tomava “só um café preto”, nas pressas e saia. Tinha dia que nos descansava, “chamava de descanso “que era uma hora pra fazer uma comida “pras” crianças e pra gente. E dar uma água a um animal, um pouco de comida ao animal. “Abarrancava” ali de onze e meia a doze horas, quando era duas horas da tarde “montava” em cima de novo, saia “derribado”. Talvez fechava até a noite andando. A vida “não era boa” pra aqueles pai de família. “ Eu considero uns homens de fibra, homens de peito, homens de...uns guerreiro. Porque não é “mole” não é fácil para...com a “cara” e a coragem...a pessoa com a cara e a coragem, sem

proteção, humanamente falando sem proteção de ser humano, sem ajuda, discriminado e sobreviver. Eu tenho oito filho, eu a mulher e oito filho. Meu pai era sete...filhos. Nunca precisamos de pegar no que era “alheio”. Na nossa turma, modesta a parte falando do Pedro Maia. Nós nunca praticamos o que era errado. Até porque ela não deixava. Era uma disciplina rígida. Se por acaso um cigano “teimasse”, ele “Butava” para fora da turma. Era punido e banido da turma. Vá embora! “Cê só volta pra aqui quando você disser que não vai fazer, e realmente você comprovar que não faz”. Aquele já não ia fazer. Aquele por “receio” de sair da turma, pelo “apegue” a família que tinha dizia: “ Não, eu não vou fazer”. Ah, então é melhor! “ Vá pedir ali nessa casa, vá trocar um animal, ler uma mão, cortar um baralho, que a pessoa vai lhe ajudar, vai dar de comer.

4. Como era o contato com os não ciganos durante a vida nômade?

Veja só: Chegava-se aqui em Sousa, ou ao redor de Sousa, a distância a contar de no mínimo o mais próximo que a gente poderia “botar, se abancar”, armar nossas tendas como é chamado. Porque nos chamava barraca, mais o povo chama tenda. O mais próximo de Sousa que nos podia se bancar era um quilometro, ou mais afastado. Era o mais próximo um quilometro ou dois. Até três quilômetros, que nos distancia meia légua. Nos contava meia légua. Nos abancava dali, ia ao chefe mais dois representantes, chefes pai de família que ajudava o chefe iam pra o centro da cidade. Chegando iam ao delegado que era de praxe o delegado da cidade. Ia o chefe político, que já tinha o conhecimento. O chefe político chegavalá e conversava “não vá lá no delegado diga a ele, pegava uma carta, uma escrita, vá lá no delegado. Porque nessa época não tinha muito telefone né. Olha a escrita aí. O delegado falava “Não, o senhor pode ficar aí, tá por conta de doutor fulano, ou delegado, ou prefeito tal”. Então a gente ficava.

5. Então o contato em muitos casos, era amigável?

Era amigável. Não tinha esse negócio de impedimento. Era difícil nos chegar no local, e não ser aceito. Mas acontecia, por discriminação, falta de conhecimento. Até hoje, você ver que na cidade onde nos mora a mais de trinta anos, eu ainda acho que ainda tem um ou dois por cento de preconceito com a gente. Achar que tudo, ou várias coisas que acontece pode ser o cigano. Mais graças a Deus isso ta acabando, o preconceito!

6. Como era a comunicação entre vocês? Era no dialeto ou em português?

Só entre nois era normal, era normal. Em português como nois tamo falando. Mais quando vinha um não cigano pra....aparecia um não cigano ali no meio que nois não queria que ele

soubesse o que nois tava falando, nois passava para o nosso idioma rapidinho. É uma língua que acho muito importante, muito bonita. Porque ela não consta em livro, algum palavrinha que já foram citadas por cigano.

7. Como eram as atividades rentáveis? Como vocês sobreviviam?

Antes era através da baganha do negócio. Troca, compra, venda de animais, lida de mão, corte de baralho...quiromancia que é a buena dicha. Tinha vários meios de sobrevivência. Caça...pesca. Nois pesca de mão, mão limpa assim o. Nois mergulha e vai buscar o peixe, traz dois...três peixe pra fora d'água. E o mais importante, antes de nois tirar o peixe de dentro d'água, nois fala que peixe é nois pegamos, sem ver o peixe. Piranhas nesse rio do peixe ali, nois somos acostumados a pegar piranha da preta grande com um quilo...um quilo e meio. De mão. Sem galão, sem tarrafa, sem rede nenhuma. Só com a própria mão limpa.

Voltando a pergunta que você me fez. A forma de sobrevivência rentável. Era dessa forma. O cigano não trabalhava. Muita gente dizendo “ Cigano não trabalhava, é um vagabundo”. E o dicionário fala isso, Individuo Bohemio ,vagabundo....gatuno. Mais não é desse jeito. É porque não se tinha oportunidade. Se nois chegava aqui, cê tinha uma propriedade, numa casa,um local. Ai eu pedia “ senhor deixa eu passar uma hora aqui”. Ora se uma hora para fazer uma comida de uma criança com fome você não deixava. Imagine eu morar junto ali, fazer uma moradia ali, cê nunca ia deixar. Como medo de eu lhe roubar, fazer um mal, tal. Enfim essas coisas. Num dava oportunidade de trabalho.

8. Se pensava no coletivo?

Toda vida...toda vida. Tinha mais harmonia! Eles juntos era de uma forma, que o cigano quando ele arranjava, nois chamava um bicho de sangue, que era uma cabra, um bode, uma ovelha um porco. Tinha uma turma num acampamento de 10...20...até 30 rancho, barracas, tendas. Arrumava ali dois...três bichos, o cigano apanhava em um negócio, ou comparava mesmo, matava aqueles bichos, imediatamente contava quantas famílias tinha e dividia em partes iguais pra cada família. Cada uma tinha seu pedaço.

9. Como era a diversão do grupo, durante a vida nômade?

Era violão, dança, canto. Muitos...muitos...muitos...muitos passava dançando músicas suaves, toque de violão. Tinha exímios violão. Clássicos, violão clássico. Nessa época existia violão de seis cordas. Era cantar e tocar. Uma hora dessa que já tava todo mundo no rancho como agente chama. Ai cê dava fé tinha três...quatro sentados em locais. Quando fechava a noite fazia aquela fogueira, sentava ali ao redor da fogueira ia cantar, dançar e tocar violão.

10. Como vocês dormiam?

Conforme a época de cada estação do ano. Durante o período da safra, que era um tempo que não era chuvoso aqui no nosso sertão, nois se arranchava aqui e não armava a tenda. Não tinha precisão de arma a tenda. Nois se arranchava aqui debaixo desse pé de pau, debaixo desse ai, aqui era um rancho que era uma beleza pra nois. Ali naquela ponta ali, se arranchava, ai se arranchava dois, três ranchos. Aqui se arranchava dois, três, quatro. Sempre com uma árvore, mais frondosa, mais sombria, mais espaçosa ficava sempre pro chefe, nois puxava sempre por chefe. E ao redor ficava três, quatro grupos, quatro, cinco famílias. E dormiam a noite aqui, empurravam aquela lona, abriam aquela lona ali e faziam, os que tinham rede fincavam logo o pau ali, uma estaca, uma madeira dum pau pra o outro e armava a rede e ficava ali, dormiam ali.

11. Como os homens e as mulheres se vestiam na época do nomadismo?

Trajes normais.

12. De que forma?

Homens, sempre, sempre, sempre, eram uns tecidos leves e frios na época de Sol. Muitos gostavam de usar uma manga comprida, pano fino, pano frio. A maioria vestia o linho, oh, oh...era linho, era o tergal eram muito difícil, volta o mundo era muito difícil. As mulheres tinham vários tecido, linho, algodão. Porque naquela época era os tecidos mais existia, mais barato. E o linho, pra quem tinha naquela época festiva era. Tinha o tropical, tinha um tipo de tecido tropical também.

13. Porque motivo os ciganos Calons de Sousa deixaram a vida nômade e passaram a ser sedentários?

Veja só. Eu sempre me perguntei isso, ao longo desses muitos e muitos anos, eu me perguntei. Veja ao passar do longo dos tempos, quando nois vinh emos para se fixar mesmo, como sedentários em Sousa. As coisas já não eram mais como agente pensava. Quer dizer, a tecnologia já tava invadindo o nosso sertão, de maneira que não tinha mais como nois se sair dela. Tinha que se adaptar a tecnologia. ‘Motaz’, carros, invadindo aos ‘monti’. E o que tava acontecendo? Aqueles animais que serviam de transporte, eram diretamente os meios de transporte pra todo mundo, e de trabalho, não só pra trocar, mais pra trabalho também. Seja na roça ou na agricultura, tava, se vendo ele em extinção. Burro, cavalo, jumento.

Hoje o cavalo ta servindo só para esporte, vaquejada, essas coisa, né. E os outros tão sendo banidos. Começou daquela época, da faixa etária de 85 à 86 , pra cá. Ai foi, aonde nois vendo

a dificuldade do dia a dia, os mais velhos não podendo mais acompanhar o ritmo do mais novo. E o mais novo perdendo o interesse pela vida nômade. Por causa das dificuldades que eles encontravam. Não tinha homem de fibra, como nós éramos. Então o que aconteceu: Findou amofinando como eu digo sempre, costume a dizer. E se obrigando, se acovardando, se obrigando a morar. A infiltração do não cigano. Ai foi de onde começou cigana namorando e casando com o não cigano. E agrupando-se mais, cada vez mais.

14. Qual era a rota dos ciganos Calon ?

Essa aqui de extrema de Paraíba com Pernambuco. Lastro, Tenente Ananias, Pau dos Ferros, Rafael Fernandez. Essa rota ali, Rio Grande Norte. Essa aqui Cajazeiras, Bom Jesus, Olho D'água, Melão pra lá, Icó, Lagoinha, (Ipaumirim), antiga Lagoinha era do Preto, entre outros. Pra cá por Pernambuco a do Mangureira. Nosso setor maior era aqui.

Nós extremava os Estados, até penetrava chegar a andar três...quatro cidades. E tinham, existia entre a turma de Pedro Maia algum que fazia migração, como meu pai. Era um desses como pássaro que migrava. Ele saía daqui Sousa e distava até Pau dos Ferros. Extremo a Mossoró, Pau dos Ferros, Marizal e Patu, enfim várias cidades, Alexandria, muitas cidades do Rio Grande Norte. Com a turma do Vicente e as vezes a do Vicente ia também junto. Pra o Ceará ia até Lavras da Mangabeira, extremava o Ceará baixo como é chamado o sertão do Ceará. Itapipoca, aquele mundo 'acolá'. Itapebussu, Carcarape, Chorozinho, enfim. Iguatu, Icó, Acopiara. Junto com a turma do Preto, ele ia também. Até porque eles fizeram uma ramificação antes de vim pra Sousa, pra se tomar de conta de Sousa, essas três turmas novas que eu to falando pra você: Pedro Maia, Vicente e o Preto. Quando eles saíram do Umari, quando eles saíram do Umari no Ceará, Lavras da Mangabeira, Umari no Ceará, Baixio, aqueles setores ali. Eles vieram diretamente as três turmas pra Sousa...cidade de Sousa.

15. Por que os ciganos vieram parar aqui em Sousa-PB?

Porque já era, mesmo sem eles ter na noção que aquilo tava existindo, já era premeditado os mandamentos de Deus. Eu lhe digo com certeza! Veja só, os avós deles, os bisavós deles, e talvez como nós chamamos os tataravós deles, que foram os primeiros nômades a transitar em Sousa.

16. Como foi o cotidiano, o dia a dia após a sedentarização? Como foram os primeiros anos dos ciganos aqui?

Até que era uma coisa nova à adaptação. Não foi fácil não, não foi fácil. Porque eu não conhecia o modo de convivência.

17. Muitos queriam voltar a vida nômade?

Muitos queriam voltar, teve deles que ainda deixava a moradia aqui, e andava assim, as cidades ciclo vizinhas aqui. Trocando, comprando, vendendo, lendo mão. Volta, passava um mês...dois, ai voltava. Outros pegavam aqui o ônibus, transporte, ia pra João Pessoa, Campina Grande. Pedir, ler mão, trocar lá. Passava um mês...dois, voltava. Mais já não era como antigamente. E foram ao longo dos tempos, televisão, novidade que nunca tinha visto, não sabiam, não via. Via mais não tinha no dia a dia acesso direto. Como chegaram a ter depois do sedentarismo. Quando passaram ser sedentários, começaram a ter acesso, novidade, televisão, geladeiras, casas com telha, coberta de telha, casas de taipa, tapada, canto mais aconchegante, locais destacados pra dormir, cama, cama com colchão, de madeira ou de ferro com colchão, ‘fulgão a gais’ e outras e outras mordomias mais. Foram se acomodando, acomodando...acomodando, até que chegou um certo ponto que a maioria, sessenta...oitenta por cento não querem mais voltar. E o que acontece? ‘Vamos de fixar, temos que viver e conviver’ mesmo achando que a nossa vida era uma vida mais livre e melhor. Sentimos saudades, sentimos. Mais o que posso fazer. Não tem mais condições.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de conclusão de curso intitulada **CÍGANOS CALON DA CIDADE DE SOUSA-PB: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA**, que tem como objetivo estudar a vida nômade dos ciganos da etnia Calon sedentários em Sousa-PB, para compreender por que fixaram residência em seu território e não em outros lugares que fizeram parte da sua trajetória. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas, se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Caso decida aceitar o convite, você participará voluntariamente e será submetido a uma entrevista que poderá ser gravada se você concordar.

Garantimos que os riscos envolvidos com sua participação são mínimos, pois as informações obtidas objetivam o estudo acadêmico, e a sua identidade não será revelada sem o seu consentimento. Por outro lado, os benefícios da pesquisa diante da sua contribuição serão: reconhecimento e citação nominal na pesquisa em curso e contribuição com o possível legado do trabalho.

Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados apenas para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em estudos científicos e congressos, sempre com o seu consentimento.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Caso você sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esclarecimentos, dúvidas ou problemas relativos à pesquisa podem ser conseguidos através do contato (e-mail: rosilene.alves@professor.ufcg.edu.br) com a orientadora responsável **Dra. Rosilene Alves de Melo**.

Esse termo está elaborado em duas vias sendo uma para o participante da pesquisa e outra para o pesquisador.

Eu FRANCISCO D. ASSIS, tendo sido esclarecido a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Cajazeiras, 1 de junho de 2023.

FRANCISCO A ASSIS

Assinatura do participante

Luís Francisco de A. Júnior

Assinatura do pesquisador

ENTREVISTA REALIZADA

Francisco de Assis

Idade: 54 anos

Data da entrevista: 9 de maio de 2016

Perguntas

1. Qual o seu nome completo?

Francisco de Assis.

2. Qual a sua origem e etnia?

É dos Dias aqui do Massapé. É Calon.

3. Quantos anos você tem?

Tenho 53...54 completei 54.

4. Você pode contar um pouco da sua história de vida durante as andanças?

Das andanças nos andava, nos tava aqui arranchado aqui. Ai surgia pra ir pra São José. Ai nos saia daqui pra São José, nos saia daqui 7 horas do dia, andava inte 1 hora da tarde andando. Ai chegava lá se acampava em São José. Ai pra puder fazer a comida, nos fazia o café pra depois fazer a comida de noite. As 4 horas, mesmo de 5 horas da tarde iam comer. Aqueles que tinha comer comia. Aqueles que não tinham não comia. Ia dormir sem comer. No outro dia as ciganas e os ciganos iam pra rua pedir, ler mão, trocar. Ai quando é de tardezinha, ai pronto játava mais acostumado lá, já tinha comida pra comer. Ai ia de novo fazer a mesma rodada de pedir, ler mão.

5. Se sentia livre né?

Se sentia livre. Nunca ouvi falar que cigano morresse de uma doença que muitos tão morrendo hoje. É hoje os ciganos tão morrendo de próstata, que ninguém sabia o que era isso, Ca ninguém sabia o que era CA. Era o câncer de primeiro né. Hoje tem cigano morrendo de toda diversidade

de doença. Porque nos andava ao ar livre, o vento tirava aquela doença, o sol tirava aquela doença. Hoje o cigano pra sair hoje pra canto é com a sombrinha na cabeça pra não levar sol. Foi a mudança.

6. Quais os locais que vocês mais andavam aqui na região?

Onde nos habituava mais é o seguinte porque tinha três turma né. Tinha Vicente, Pedro Maia e o Preto. O Vicente era o Rio Grande. O Preto era ali Antenor, Uiraúna, Sousa. Nos era Sousa, São José, Coremas, Piancó. O vale do Piancó era onde nos se habituava mais. Era o vale do Piancó.

7. Como era a partilha do alimento?

Era assim, era o seguinte de primeiro tinha muita união, tinha muita união. Cigano era unido demais. O chefe, aí ele chegava na casa de um senhor que nos tava na terra dele, ele falava em comprar um porco pra nos ciganos. O caba vendia ou dava a ele de presente. Ele matava o porco, tirava...pelava. A cada uma dava um quilo. Se tinha um cigano doente vamos supor, aí eu tinha, eu tinha dinheiro, tinha um burro, tinha uma coisa, eu pegava dava aquele 'pega'. A união do cigano era incomparável. Aí quando era no Natal aí juntava os ciganos todos. Aí era uma festa bonita, as ciganas tudo vestida de vestido longo. Os ciganos tudo vestido. Comer a vontade...nos ciganos. Era galinha, era porco, era de tudo. Era o 'cumé' que eles gostava mais. Era porco e ovelha. Aí matava uma ovelha aqui, outra acolá, um porco. Aí tinha uma tradição cigana no ano 'mela'. Ainda hoje tem, ainda hoje tem. Eles mela...mela as pessoas. Quando disser 'entrou o ano', aí você ver. De primeiro melava com tudo, era com terra, com tudo. Hoje não, é com massa, mudaram pra brincar com massa. Pronto é a única tradição de cigano que não foi derrubada ainda. Foi a do natal e a do ano. Ainda hoje tem essa tradição. Porque era assim o cigano sempre passava as festas por aqui por Sousa, se juntava. Nos tava no vale do Piancó, aí os outros tava no Rio Grande, os outros tava no Ceará. Aí se juntava todo mundo, todos os ciganos pra vim pra aqui pra Sousa.

8. Onde os ciganos faziam essa festa?

Era nos 'Prazeres', era na 'ingorda' era oliveira, fazia essa festa ali, Tinha aqueles pé de Juazeiro. Ali tivesse tipo cem pé de Juazeiro, era cem locais onde os ciganos de botava. Era assim! Era bom, era uma vida boa. Era uma vida sofredora, mas era uma vida boa. Eu achava bom, eu achava bom.

9. Como acontecia a comunicação entre o grupo? Era em português ou no Dialeto?

Assim, nos se comunicava assim, nos tava aqui entre nós, nos falava normal aqui. Mas quando

chegava uma pessoa ai nos falava na nossa língua né. Ai nos falava. Se quisesse lhe elogiar nos elogiava. Não quisesse nos lhe acabava ai todos ficava sabendo que você não prestava. Nos chegava pra ele e dizia que você não prestava, que você era valente, erabebendo cachaça...ai pronto. Ai nos num dizia assim...dizia na nossa linguagem.

10. Por que motivo vocês se tornaram sedentários?

Rapaz isso ai é uma história muito longa. É uma história refletindo os ciganos, ninguém sabe, eu não nem dizer a você como foi essa conversa. Porque é o seguinte: Os cigano tava uns em Pau Dos Ferros, outro em Antenor e, outros, Pedro Maia em Aparecida. Ai divido a Pedro Maia já tava ficando velho, ai veio pra aqui pra Sousa em 82...veio aqui pra Sousa. Ai naquele tempo tinha os Oliveira, os Gadelha, tinha aqueles poderosos de Sousa né...Antônio Mariz, Gilberto Sarmento, essas pessoas. Ai ele foi na Cagepa e botou água encanada ali onde eles arranchava. Ai foram se habituando. Ai eles pra ficar mais colocado que faz muito anos que ele mexe em Sousa, ai ficaram morando, ficaram fazendo as casinhas. Ai os de Pau dos Ferros vinheram pra cá...coremas vinheram pra cá. Porque desde de 61 que cigano “vevi” em Sousa. Desde 60 que vota em Sousa.

11. Mais não fixamente né?

Era, eles saía, passava 6 meses em Sousa, ai saía. Passava 6 meses por fora, ai voltava de novo pra Sousa. Quando tava se aproximando o natal, ai voltava pra Sousa. Ai foi uns casando com gente de fora. Com os não ciganos. Ai foram se habituando, morando. Ai pronto eles se habituaram. Eu acho na minha memória, no meu saber, eu acho que eles se habituaram mais ficar aqui porque um casou em Aparecida...dois...três em Aparecida. Eu me casei em Santa Cruz ai pronto ficaram aquela habituação. Ai pronto voltaram a morar. Porque já tava ficando estreito o mundo pra cigano já tinha muito evoluído. Os cigano com menino. Ai eles acharam melhor se acampar num canto. Mas eu acho que eles tão arrependido.

12. Por que?

Porque eles achava que essa vida era melhor.

13. A vida nômade?

Sim. Era melhor, a vida andando era melhor. Uns diz que era melhor. Mais hoje já tem cigano formado, advogado, outros administrando empresa, outros professores, outros agora pra medicina...ai evoluiu...o cigano evoluiu demais. Evoluiu! Logo teve aqui um candidato em Sousa, num era nem pra falar, mais eu vou falar, quem tirou a discriminação do cigano foi Salomão. Ele tirou a discriminação dos ciganos. Porque cigano na boca do povo era ladrão, era

bandido. Ele foi tirou a discriminação de cigano e o cigano ganhou ‘ibope na tv’. Ai pronto eles ficaram...montaram, hoje tem cigano rico, casa né.

14. Nos primeiros anos que os ciganos Calon se fixaram em Sousa, alguns deles sentiram alguma dificuldade, por exemplo, com a adaptação, já que passaram vários anos na vida nômade?

Ficaram, tem deles que no começo quando começaram a fazer casa de taipa, que não podia fazer casa de tijolo, teve deles que sentiram falta da viagem...das coisa que viviam pelo meio do mundo. Era alegre. Ai começaram a morrer cigano. Dr. Augusto que era o médico dos cigano em Sousa, o cigano tava no Vale do Piancó vinha se receitar com ele. Ai quando ele ficou pra morar, ai Dr. Augusto foi e disse “Vocês vão Morrer, vão ter doença que ninguém vai saber que doença é. Porque vocês era uma pessoa sadia, você vivia no tempo, no ar, o tempo tirava vocês toda doença.” Ai eles se arrependeram um pouco. Muitos deles se arrependeram porque fizeram isso. Hoje mesmo tem deles que é muito revoltado, queria tá andando...queria tá andando, tem deles que queria tá andando ainda. Eu pelo menos, eu fui umcaba que eu passei “inte” 95, eu passei sendo um cigano. Era montado em burro, andando pra todo canto do mundo.

15. Sendo um nômade?

É minha tradição. Ainda hoje mesmo, porque o cigano de primeiro tinha a sela, o arreio, tinha animal. Inda hoje eu tenho minhas coisas de animal, ou sela, eu ando a cavalo. eu gosto, eu adoro fazer isso. Eu saia daqui pra Santa Cruz a cavalo, pra vender burro lá, pra trocar burro lá, aquela tradição cigana. Porque os ciganos fazia isso, só vivia trocando burro, cavalo, era assim.